

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Nayara Uber Piloni

**JOVENS ALTERNATIVOS EM FLORIANÓPOLIS:
SEXUALIDADE, FESTAS E ESTILO DE VIDA**

Florianópolis
2010

Nayara Uber Piloni

**JOVENS ALTERNATIVOS EM FLORIANÓPOLIS:
SEXUALIDADE, FESTAS E ESTILO DE VIDA**

Trabalho de conclusão de curso
submetido ao Programa de
graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau
de Bacharel em Ciências Sociais.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Miriam
Pillar Grossi.

Florianópolis
2010

Nayara Uber Piloni

**JOVENS ALTERNATIVOS EM FLORIANÓPOLIS:
SEXUALIDADE, FESTAS E ESTILO DE VIDA**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de “Bacharel em Ciências Sociais” e aprovada em sua forma final pelo Programa de graduação em Ciências Sociais.

Local, Florianópolis, 19 de julho de 2010.



Prof. Dr. Julian Borba
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Miriam Pillar Grossi (Orientadora)
Departamento de Antropologia, UFSC



Prof. Dr. Jacques Mick
Departamento de Sociologia, UFSC

Dr.ª. Rosa de Oliveira
Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC

Dedico este trabalho a todos
aqueles que incentivaram
de algum modo pra que
eu não desistisse

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a minha família, pai, mãe, Bá, pela oportunidade que me deram de estudar Ciências Sociais longe de casa, quando sei que o que desejavam era me ter por perto, pelo amor que sempre me foi dado e que me tornou o que sou hoje.

As minhas amigas de sempre Carol, Pri, Nessa, Lita e Djúlia, que mesmo estando fisicamente longe sempre se fizeram presentes de algum modo.

A minha orientadora pela dedicação, persistência, pelas horas de sono “perdidas” corrigindo meus escritos e por sempre acreditar na relevância dos diversos temas de pesquisa que já me propus a pensar ao longo de minha trajetória no curso de ciências sociais e principalmente por não ter desistido de mim quando eu mesma já estava.

A professora Antonella que foi co-orientadora deste trabalho e que contribuiu significativamente com as reflexões sobre cidade e seus espaços

A todos os professores do curso de Ciências Sociais pelos ensinamentos durante o curso, espero ter conseguido utiliza-los neste trabalho.

A Fernanda Cardozo, importante figura em meu processo de inserção no mundo dos estudos de gênero e sexualidade, pelas longas conversas, por me socorrer em meio as minhas crises existenciais ao longo de minha graduação.

A querida Rosa de Oliveira que acompanhou minha trajetória acadêmica desde minha entrada no NIGS, sempre trazendo importantes contribuições ao meu trabalho e que agora se faz presente na conclusão desta etapa tão importante.

A Aline Ferreira Oliveira, colega de curso com quem dialoguei diversas vezes minhas intenções de pesquisas e quem também me ajudou na construção do objeto deste trabalho.

As minhas queridas amigas de graduação Juliana, Suelen, Tati, Moniky e Maga pelos momentos divertidos, pelo apoio nas horas difíceis ao longo desses seis anos.

Ao Luiz Hayashi, meu primeiro amigo no curso de Ciências Sociais, com quem compartilhei inúmeros momentos felizes e importantes e que sempre ocupará um lugar especial em minha vida

A Mônica por me ajudar na compreensão de mim mesma e me ajudar a compreender a importância de concluir este ciclo de minha vida. Tais compreensões foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao meu amor, Tiago, que esteve presente em todos os momentos desta etapa, me apoiando com palavras de otimismo, me aguentando nos dias de mal humor, me incentivando e valorizando meu esforço, por todo respeito e amor.

Aos meus informantes que sempre se dispuseram a contribuir quando necessário pela confiança e interesse na pesquisa.

Aos organizadores das festas que sempre foram muito prestativos e possibilitaram minha presença nas festas durante os quase três meses de campo, principalmente a Paula e Tiaguinho.

E por fim a todos os jovens *alternativos* deste *círculo* de festas, sem os quais essa pesquisa não existiria.

“Não vemos as coisas como elas são, mas como nós somos”

Anais Nín

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as práticas afetivo sexuais de um determinado grupo de jovens universitários, assim como os demais aspectos presentes em suas sociabilidades, que ocorrem em um circuito de festas alternativas na cidade de Florianópolis-SC. Estas práticas são tidas como "libertinas" por estes jovens, pelo fato de se diferirem das condutas tradicionais da sociedade dominante.

Para atingir meu objetivo, realizei pesquisa de campo partindo da observação participante nas festas em que tais práticas ocorrem. Em seguida foram realizadas entrevistas semi direcionadas. As entrevistas seguiram um roteiro que foi dividido em três temas. O primeiro dizia respeito às festas e a sociabilidade jovem naquele contexto. A segunda etapa abordou as trajetórias afetivo sexuais dos sujeitos e a terceira as questões sobre identidade sexual.

Parto da ideia de que a sexualidade dos indivíduos, não é algo dado a priori e sim uma construção social em constante transformação. Deste modo tento analisar as práticas bissexuais que ocorrem entre esses jovens como uma forma de expressão e experimentação da sexualidade, característica esta vinculada a uma visão de mundo específica daqueles sujeitos que se definem como *alternativos*, no sentido de contrapor a moral e padrões tradicionais.

Esses jovens não tem suas identidades definidas e marcadas pela orientação sexual e sim por diversos outros elementos transitórios de suas vidas.

Este trabalho procura articular os conhecimentos entre Antropologia urbana, juventude, identidade, gênero e sexualidade, na tentativa de mostrar as formas de pensar e vivenciar as práticas afetivo sexuais na contemporaneidade, em Florianópolis.

Palavras-chave: Antropologia urbana, juventude, gênero, sexualidade.

ABSTRACT

This study aims to understand the affective sexual practices of a particular group of university young people, as well as the other aspects that are present in their sociability, which occur in a circuit of alternative parties in the city of Florianópolis - SC. These practices are considered "libertine" by these young people since they differ from traditional manners of the dominant society. To accomplish my goal, I have conducted a field research considering the participant observations at the parties where such practices occur. Afterwards, semi-directed interviews were carried out. The interviews followed a script that was divided in three themes. The first concerned parties and the youth sociability in that context. The second step dealt with the subjects' affective-sexual paths, and the third one talked about sexual identity. Considering the idea that subjects' sexuality is not something given, instead it is a social construct in constant transformation. Thus, I try and analyze bisexual practices that occur among these young people as a form of expression and experimentation of their sexuality, a feature that is linked to these individuals' specific world view who define themselves as *alternative*, in the attempt to oppose the moral and traditional standards. These young ones do not have their identity defined and marked by sexual orientation but by several other transitory elements of their lives. This paper seeks to articulate the knowledge between urban, youth, identity, and gender and sexuality Anthropology, in an attempt to show ways of thinking and living the affective-sexual practices in the contemporaneity, in Florianópolis.

Keywords: Urban Anthropology, youth, gender, sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fôlder divulgação Festa Devassa.....	47
Figura 2. Fôlder do Jivago Lounge.....	49
Figura 3. Fôlder de divulgação da Festa Plastique.....	51
Figura 4. Fôlder de divulgação da Festa Plastique.....	52
Figura 5. Fôlder de divulgação da festa Sangria Disco.....	54
Figura 6. Fôlder do Blues Velvet Bar.....	57
Figura 7. Fôlder de divulgação de festa no Blues Velvet Bar.....	58
Figura 8. Fôlder divulgação da Festa Mind The Gap.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Festas do circuito.....44-45

Tabela 2. Dados dos entrevistados.....91

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	12
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I	
CAMPO E REVISÃO TEÓRICA	
1.1 Marcos Teóricos.....	17
1.2 Inserção no campo de pesquisa.....	23
1.3 Estranhar o familiar.....	24
1.4 Subjetividade em campo.....	28
1.5 O trabalho de campo.....	29
1.6 As entrevistas.....	34
CAPÍTULO II	
O CIRCUITO DE FESTAS ALTERNATIVAS E A SOCIABILIDADE ENTRE OS JOVENS NESTE CONTEXTO	
2.1 Dando sentido ao alternativo.....	36
2.2 Conceituando o circuito.....	38
2.3 Casas e festas em que realizei participação observante durante o campo.....	46
2.4 Cena musical e um pouco de sua trajetória no circuito.....	61
2.5 Alcool, drogas e sexo no contexto das festas.....	64
CAPÍTULO III	
3.1 Situando os sujeitos da pesquisa.....	68
3.1.2 Os permanentes.....	70
3.1.3 Os aleatórios.....	73
3.1.4 Boys e patys - Os de fora.....	75
3.2 Os jovens estudados.....	77
3.3 Modos de se vestir.....	81
CAPÍTULO IV	
AS PRÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS NO CONTEXTO DAS FESTAS ALTERNATIVAS	
4.1 Descrevendo as práticas afetivo sexuais.....	84
4.2 As entrevistas sobre as práticas afetivo sexuais.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	107

INTRODUÇÃO

A construção do meu objeto de pesquisa, que são as práticas afetivo sexuais de jovens que frequentam as festas *alternativas*¹ de Florianópolis, se deu gradativamente, ao longo dos anos nos quais estive no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, participando do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades – NIGS - e atividades voltadas ao estudo de gênero e sexualidade. Também as experiências de minha vida pessoal foram fonte de inspiração, onde eu vivi, na prática, as questões que eu discutia em teoria, no curso de Ciências Sociais.

Minha inserção no campo se deu anteriormente à definição do objeto de pesquisa, quando, em 2005, vim residir em Florianópolis para cursar Ciências Sociais na UFSC. Em meados de 2005 comecei a frequentar alguns bares no centro da cidade, voltados a um público que era identificado como *alternativo* pela oposição à grande massa. Esse público *alternativo* gostava de um estilo musical com influência *rock*, *eleiro-rock*² e *indie-rock*³, que era diferente do que tocava nas casas noturnas de lazer voltadas à juventude “comum”.

Na época em que conheci a *cena*⁴ *alternativa*, os principais bares da *cena* eram o *Tulipas* e o *Galileus*, hoje já extintos e as festas eram, entre outras, a *Devassa* e a *Rocket* que ainda existem. Assim que comecei a frequentar esses lugares, percebi que além do gosto pela música, esses jovens compartilhavam outros códigos que os aproximavam, como a forma de se vestir, os cortes de cabelo, o uso de piercings e tatuagens, terem interesses pelas artes, cinema, teatro, moda e áreas de conhecimento voltadas a comunicação e serem, em sua

1 Utilizo o termo *alternativo* em seu sentido nativo, que será explicado no capítulo II deste trabalho.

2 Eleiro-rock é um estilo musical que mistura música eletrônica com elementos do rock, como guitarras e distorções.

3 Indie-rock é um estilo musical que se caracteriza como uma vertente do rock.

(escrevo em itálico os estilos musicais voltados ao circuito de festas que pesquisei, assim como o nome das festas e das casas noturnas desse circuito e demais termos relacionados).

4 Utilizo o termo *cena* em itálico quando me referir a cena no sentido nativo que diz respeito a um cenário onde um estilo de vida alternativo de desenrola.

Foi dessa forma, aliando minha vivência neste *circuito alternativo* ao meu interesse pelas práticas sexuais que fogem às regras socialmente aceitas, no meu ponto de vista, impostas, que resolvi estudar o sentido que esses jovens - em sua maioria universitários, oriundos das camadas médias e altas que vivem em Florianópolis e frequentam as festas do *circuito alternativo* - dão às suas práticas afetivo sexuais, pensando-as nesses locais específicos e dando atenção especial à Bissexualidade.

Para atingir este objetivo, frequentei esse tipo de festas de março a maio de 2009, fazendo observação participante.

Contatei com alguns deles para marcar as entrevistas que seguirei um roteiro, focando o *circuito* de festas e as práticas afetivo sexuais

Selecionei alguns dos sujeitos centrais dessas festas, pessoas que observei estarem sempre presentes em várias festas do *circuito* e que conheço de vista desde a época do *Galileus*. Observei alguns deles tendo práticas bissexuais e ainda outros, que sei se disserem heterossexuais mas que vi tendo práticas homoafetivas nas referidas festas. Dessa maneira, tentei selecionar diversos tipos de sujeitos, para que minha análise não fosse reduzida a um tipo, apenas; mesmo porque os grupos que frequentam as festas *alternativas* são formados por esses sujeitos distintos; eles se diferem mas por outro lado, se assemelham em diversos aspectos, formando um grupo que tem suas particularidades.

As entrevistas foram feitas com auxílio de gravador, quando o sujeito permitia; alguns preferiram não utilizar gravador e nesse caso, anotei as conversas. Outras entrevistas foram respondidas via e-mail pelo fato de que os informantes estavam fora da cidade, ou não estavam dispostos a despendar tempo para realizá-la pessoalmente. Após fazer as entrevistas, fiz a decupagem e análise que apresento desenvolvida nos próximos capítulos.

Essas questões que discuto aqui são só uma pincelada daquilo que se desenvolveu durante todo processo da pesquisa, inclusive na escrita, que foi quando precisei refletir e teorizar sobre tudo aquilo que vivi em campo. Deste modo o trabalho foi dividido em quatro capítulos onde desenvolvo os principais temas da minha pesquisa.

No primeiro capítulo faço uma revisão teórica dos principais autores e conceitos em que baseei minhas reflexões ao longo do trabalho

maioria. universitários e ligados à *cena alternativa e underground* da ilha. Com o fechamento desses bares, fiquei afastada desse meio por um período de tempo.

Em meados de 2008 conheci o *Jivago Lounge*, que comeci a frequentar semanalmente, observei que o público que ia àquele bar era formado em grande parte pelas mesmas pessoas que eu (re)conhecia da época do *Galileus* e que eu via também na *Devassa*, *Rocket*, *Blues Velvet* e as demais festas das quais eu participava e ainda participo. Identifiquei então um *circuito alternativo*, por onde essas pessoas passavam, formado por bares como o *Galileus*, *Tulipas*, *Blues Velvet Bar* e *Jivago Lounge* e festas como a *Rocket*, a *Pélvis*, a *Devassa* e outros que fazem parte da *cena* atual.

Além de pertencermos a esse universo *alternativo*, também percebi que outra característica que aproximava esses sujeitos, tinha relação com algumas das práticas afetivo sexuais que ocorriam e que eram desempenhadas nesses locais, que fugiam à "heteronormatividade" à qual eu estava acostumada a vivenciar nos espaços que frequentava em minha cidade de origem, Joinville, e nos demais espaços de sociabilidade jovem, fora desse *circuito alternativo*, práticas essas que me fizeram questionar os limites entre a hétero e homossexualidade.

Assim, desde que comeci a frequentar esse meio - que hoje identifiquei como um *circuito* - me questionava a respeito dessas práticas, querendo compreender o que elas significavam em um todo maior, e quais eram os valores que esses jovens *alternativos* carregavam. Seriam eles fruto da contra cultura, dos ideais de liberdade e amor livre? Ou, sendo, aparentemente *libertinas*, poderiam estar reafirmando os modelos e papéis sexuais presentes na "heteronormatividade"? Ou além, seriam o reflexo de uma sociedade pautada pelo consumo, na medida em que os corpos se tornam mais um objeto para serem consumidos?

Ao longo da minha trajetória acadêmica dentro dos estudos de gênero e sexualidade, sempre me interessei em compreender as práticas afetivo sexuais que se diferem das heterossexuais. Durante todo o período que estive no curso de Ciências Sociais, elaborei diversas propostas de pesquisa, dialogando com colegas e professores afim de definir o objeto que eu realmente quisesse estudar.

e relato minha inserção em campo dialogando com a literatura antropológica sobre o tema.

O segundo capítulo é destinado a descrição do *circuito de festas alternativas* e dos aspectos da sociabilidade dos jovens neste contexto. Apresento os principais conceitos utilizados para compreender esse universo.

No terceiro capítulo situo os sujeitos da pesquisa, nele descrevo quem são esses jovens que frequentam o *circuito alternativo*, seus estilos de vida, modo de se vestir e demais características dos sujeitos.

O quarto capítulo trata das relações afetivo sexuais desses sujeitos no contexto das festas *alternativas*. Este capítulo se divide em observação participante e análise das entrevistas, onde relato mais detalhadamente essas práticas afetivo sexuais e abordo a visão dos sujeitos sobre as mesmas, dialogando com a literatura antropológica sobre sexualidade.

Finalizo o meu trabalho com as considerações finais, onde busco articular os capítulos e apontar as principais reflexões sobre a pesquisa.

CAPÍTULO I

Campo e revisão teórica

Neste capítulo será discutida a trajetória em meu campo de pesquisa que são as festas *alternativas* na cidade de Florianópolis, abordando questões teóricas relativas à subjetividade do pesquisador frente às pesquisas antropológicas já que elas foram importantes para a constituição desta monografia.

Também farei uma breve revisão teórica sobre os estudos de gênero e sexualidade, que permeiam esta pesquisa.

1.1 Marcos teóricos

Segundo Miriam Grossi (2004), os estudos de gênero são marcados por uma vasta tradição, esta que tem sua origem nos estudos pioneiros da antropologia europeia e norte americana sobre gênero e sexualidade. Atualmente existem diversas correntes teóricas pensando o gênero e estas o vêm não apenas como objeto de investigação mas, sim como uma categoria de análise que não se prende somente a análise de homens e mulheres enquanto objetos de investigação.

Miguel Vale de Almeida no texto "Antropologia e sexualidade" (2003), ao fazer uma revisão sobre os estudos de gênero e sexualidade na tradição antropológica, coloca que

"A maior parte dos antropólogos sociais e culturais concordarão com a dívida de que a sexualidade possa, em si mesma, constituir um objeto de estudo. "Em si mesma" significa isolada de instituições e práticas sobre as quais a sexualidade "fala" e que são "faladas" através do idioma da sexualidade". (ALMEIDA 2003: 2)

Segundo o autor a antropologia vinha estudando a sexualidade por meio de investigações sobre instituições e práticas, nos campo do parentesco, família e gênero, apenas recentemente ela vem conquistando certa autonomia devido a definição do sexual como fato social,

apenas ligados ao inconsciente, como a tradição da psicanálise nos mostrou por determinado tempo, tendo em Freud seu precursor.

Para compreender o universo das relações afetivo sexuais desta investigação, utilizarei à perspectiva dos scripts sexuais, desenvolvido pelos sociólogos John Gagnon e William Simon (1973)⁵, que diz respeito ao pano de fundo em que as práticas afetivo sexuais ocorrem.

Os indivíduos, para falar de sua vida sexual, utilizam relatos e seqüências; nenhum tipo de ato sexual poderia ocorrer se não existissem produções sociais e mentais que criassem um cenário, pano de fundo, para que essas práticas assumissem a forma de histórias. Esses cenários são como guias, que situam os sujeitos fazendo com que estes atribuam sentidos sexuais a sensações, situações, palavras e estados corporais. Assim, os sujeitos interferem na produção do desejo sexual, que na sociedade contemporânea tem importante participação na construção de identidades. Para Gagnon e Simon não há como identificar um estado “natural” da sexualidade humana. Todas as nossas experiências sexuais são construídas como scripts, ou seja, após serem aprendidas e codificadas, se estruturaram em nosso consciente como relatos. Cria-se uma capacidade de perceber e interpretar estados corporais, como orgasmos, por exemplo. Os indivíduos também aprendem a identificar e produzir situações potencialmente sexuais, que são contextos que contêm elementos esperados de cenários sexuais. Como nem tudo é possível à sexualidade humana, nesse sentido, os scripts sexuais irão descrever os cenários de uma sexualidade possível.

Gagnon e Simon apresentam três tipos de scripts, conforme o campo de ação. São os intrapsíquicos - que se manifesta no plano subjetivo da vida mental-, os interpessoais - manifestos no plano da organização das interações sociais- e os culturais - que se manifestam no plano das prescrições culturais mais gerais Os scripts intrapsíquicos coordenam a vida mental e o comportamento social, atuam no reconhecimento das situações sexuais e dos estados corporais. São formados por elementos diversos, como experiências pessoais, cenários culturais amplos e símbolos fragmentados. Os scripts interpessoais estão

atravessado por conflitos identitários., principalmente nas sociedades ditas modernas e ocidentais.

Já a antropologia contemporânea aborda as identidades de gênero e as identidades com base na orientação sexual, “como campos de identidade e poder correlacionadas e correlacionáveis com outros níveis de identificação, diferenciação e desigualdade.” (ALMEIDA, 2003:2). Na contemporaneidade, os estudos sobre sexualidade na antropologia, seguem os pressupostos da disciplina referentes ao relativismo cultural, comparação inter cultural e referentes a análise sistêmica dos símbolos culturais. A antropologia instaurou um conflito entre natureza e cultura, onde a principal questão se baseia em saber onde começa e termina, natureza e cultura na constituição dos indivíduos.

Os estudos sobre gênero e sexualidade se baseiam em dois modelos teóricos, o essencialista e o construtivista. O modelo essencialista data do final do século XIX e se baseia em uma ordem natural biológica dos comportamentos humanos. Assim, gênero e sexualidade seriam determinados e explicados por fatores biológicos e fisiológicos. O modelo construtivista surge no final dos anos 60 e vem para contrapor esse modelo baseado na natureza humana, a teoria construtivista explica gênero e sexualidade como construção social que varia de acordo com cada sociedade e época. Assim

“O que o gênero é, o que os homens e mulheres são, e o tipo de relações que acontecem entre eles - todas estas noções não são simples reflexos ou elaborações de “dados” biológicos, mas sim (em grande medida) de processos culturais e sociais.” (VANCE apud ALMEIDA, 1981:1 tradução livre).

Deste modo as identidades baseadas no gênero e na orientação sexual são construídas e não biologicamente determinadas. Neste mesmo sentido, Michel Bozon em seu livro “Sociologia da sexualidade” (2004), nos mostra o caráter de construção social da sexualidade e como isso se estabelece na sociedade contemporânea. Bozon fala da sexualidade humana como uma construção social e não como instinto e essa abordagem não naturalista sublinha a flexibilidade, expressividade e mobilidade da esfera sexual na contemporaneidade. Os comportamentos sexuais seguem padrões culturais e sociais e não estão

⁵ Data da primeira versão, a tradução para o português saiu em 2006 pela editora Garamond.

Durante muito tempo a sexualidade teve apenas fins reprodutivos não tendo como foco o prazer, mas a ruptura da ordem tradicional fez com que a sexualidade fosse pensada não só como prática essencial à reprodução mas também como um domínio autônomo da vida humana, desvinculada da procriação e do casamento. Essa ruptura levou a uma multiplicidade das experiências sexuais nas sociedades contemporâneas que, segundo Bozon, são essenciais para a construção dos sujeitos e da individualização. (BOZON, 2004)

Segundo Bozon a sexualidade é vista como uma experiência individual de extrema importância para a construção do sujeito na esfera da intimidade e da afetividade. As experiências sexuais, as trajetórias da vida sexual e o repertório sexual se ampliaram e diversificaram. A partir da década de 60, começaram a ocorrer amplas mudanças sociais, com participação ativa do movimento feminista e, posteriormente, do movimento gay.

Mesmo que essa revolução sexual não tenha sido homogênea em todo os cantos do mundo, a percepção contemporânea da sexualidade mudou e as relações sexuais destinadas à procriação passaram a ser entendidas de forma diferente daquelas sem fins reprodutivos.

Essa experimentação da sexualidade como fonte de prazer e central na construção da individualidade e identidade, se dá ainda na adolescência. Segundo Bozon, hoje em dia “*A adolescência é uma idade que tem como objetivo o acesso à sexualidade*” (BOZON, 2004: 64.). Essa fase tem início com as primeiras manifestações da puberdade até à sexualidade genital, que é a primeira relação com penetração. A iniciação sexual na adolescência representa, para esses sujeitos, a construção de uma autonomia e identidade, já que nessa fase da vida, a maior parte deles está submetida a uma dependência material a instituições como família e escola, onde a autonomia e individualidade se dão nas relações de grupos e pares e nas amorosas sexuais. “*A sexualidade genital tornou-se um limiar social decisivo, que se impõe a todos e faz com que se entre em uma nova idade, a juventude*”. (BOZON, 2004:64)

O que caracteriza esse novo comportamento, é o caráter gradual da passagem à sexualidade genital. Bozon diz que existe, atualmente,

relacionados aos elementos práticos do ato sexual e coordenam e realizam os atos sexuais, necessitando uma dependência mútua. Os scripts culturais ou cenários culturais são recomendações de ordem coletiva e dizem o que é o que não é possível de ser feito ao se tratar do sexual. (GAGNON, 2006). Bozon fala que essas recomendações geralmente aparecem mais nos relatos do que em normas e regras jurídicas. Embora o cenário cultural seja o pano de fundo simbólico do sexual, ele só funciona como objeto de interpretação. Para finalizar Bozon fala que, “a contribuição de diferentes categorias de scripts para a estruturação da sexualidade varia de acordo com as situações sociais e históricas”. (BOZON, 2004:131). Ele fala sobre uma pesquisa, realizada nos anos 1990, sobre as relações sexuais de adolescentes e jovens, em que a psicossocióloga Sharman Levison, descreve uma categoria particular de *scripts* interpessoais chamado *histórias de referência*. Segundo Bozon, Levison constata que, nos relatos dos jovens sobre suas relações sexuais, os termos que remetem a “amor” não são utilizados de início, sendo que a referência à temporalidade dos relacionamentos se faz presente em toda fala. Assim, “os relacionamentos entre parceiros sexuais já não são mais... associados aos afetos, mas aos tipos de desenrolar”. BOZON, 2004:133).

Como exemplo de temporalidade, ele cita o ano escolar ou o período de férias, onde o compartilhamento de histórias de referência, entre indivíduos de mesma faixa etária e seus significados, permite uma comunicação entre pares. Essas histórias servem como referência a um determinado tipo de relação, onde seu desenrolar é previamente reconhecido pelos membros de um certo grupo.

Vimos que a sexualidade é uma esfera específica mas não autônoma da vida humana, onde os saberes e representações sobre ela são produtos culturais e históricos, que moldam e modificam seus cenários culturais em cada época. Assim, as práticas afetivo sexuais de cada sociedade são guiadas pela cultura e história da época, sendo que os seres humanos só necessitam de um aprendizado social para saber como agir sexualmente, quando e com quem.

“ Como construção social, a sexualidade humana implica, de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas ambas através da cultura”. (BOZON, 2004:13-14)

1.2 Inserção no campo de pesquisa

Minha inserção no campo de pesquisa, festas *alternativas* na cidade de Florianópolis, aconteceu antes da escolha do objeto, algo comum, atualmente, a muitos antropólogos, que têm como objeto de estudo seu próprio meio social. Este tema foi e ainda é muito discutido por diversos cientistas sociais contemporâneos como Gilberto Velho (1999), Magnani (1996), Roberto Da Matta (1978), entre tantos outros.

Sendo a Antropologia uma disciplina que nasceu do confronto entre diferentes culturas, se constituiu, assim, voltada à compreensão do outro distante e exótico. Contudo, se por muito tempo os povos considerados primitivos foram seu objeto de estudo, com as transformações enfrentadas pela disciplina ao longo do tempo, outras necessidades surgiram. A Antropologia passou a olhar para si mesma e enxergar diferenças até então não questionadas. Seu objeto se encontra agora no interior de sua própria sociedade, não sendo necessário ir muito longe para encontrar o "outro". Desta nova configuração da disciplina, causada pela mudança do objeto, surge a necessidade de repensar alguns conceitos e principalmente seus instrumentos metodológicos. No livro "Na Metrópole", Magnani (1996) fala dos desafios do trabalho de um antropólogo nas modernas sociedades urbano industriais, onde o campo do antropólogo é a cidade, em comparação com as questões que eram enfrentadas pelos pesquisadores no início da Antropologia. O autor indaga se os antropólogos, com os conceitos e instrumentos de pesquisa desenvolvidos para a compreensão dos povos primitivos, podem "dar conta da complexidade que caracteriza as sociedades contemporâneas?" (MAGNANI, 1996:20), já que o estudo dessas sociedades modernas trazem novos desafios e problemas para a disciplina. Neste mesmo texto, ele ainda questiona se é possível aos antropólogos abandonar a tentação do "padrão aldeia", articulando as singularidades de um objeto com as variáveis da vida urbana.

Também Gilberto Velho em "Individualismo e cultura" (1999) levanta essas questões quando fala da natureza das sociedades complexas. Diz que estudar as sociedades complexas faz com que surjam problemas que até então não faziam parte daqueles enfrentados por uma tradição antropológica pautada na experiência das sociedades

um conjunto de práticas, "expresso em um modelo de exploração física e relacional por etapas", que compõem os passos da iniciação sexual entre os jovens, iniciando com beijos mais profundos, carícias corporais seguidas de carícias genitais, sexo oral e finalmente a penetração genital. Assim, segundo Bozon, para certos jovens, a sexualidade na adolescência é mais um tempo de encontros do que de realização genital, sendo que a passagem do flertes às relações mais estáveis e sexualmente ativas configura a entrada em uma idade de maior autonomia sexual, que é a juventude e essa autonomia sexual precede e anuncia a autonomia social. Bozon diz que uma das características mais interessantes da juventude contemporânea é a existência de um período de latência sexual, onde os indivíduos tem um intervalo longo entre a primeira relação sexual e o primeiro filho, sendo este intervalo marcado por uma vida sexual ativa, rica em diversas experiências sexuais.

Segundo Abramovay, Silva e Castro (2004) "*A juventude é o momento em que a experimentação da sexualidade vai possibilitar uma estruturação de sua identidade. Assim, preconceitos e crenças organizam as possibilidades sexual afetivas dos jovens.*" (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004:33).

Para essas autoras é na juventude que se dão as diferenças de gênero no campo da identidade.

Para finalizar essa breve revisão das teorias sobre a sexualidade, retomo a reflexão de Bozon de que a expressão da sexualidade nas sociedades contemporâneas, se manifestam cada vez mais abertas nos meios de comunicação e que tem uma grande importância para uma redefinição dos significados da sexualidade e dos cenários do desejo aos olhos de todos.

"*A sexualidade não se explica pela própria sexualidade, nem pela biologia. A sociologia da sexualidade é um trabalho infinito de contextualização social e cultural, que visa estabelecer relações múltiplas e, por vezes, desconhecidas, dos fenômenos sexuais com outros processos sociais, o que se pode chamar de "construção social da sexualidade". (BOZON, 2004:151)*

realizar minha pesquisa de campo. Fiquei um tanto apreensiva e acabei adiando a primeira ida, talvez pelo medo de não conseguir o tão falado distanciamento de meu objeto, pois eu já circulava nestas festas há cerca de três anos e meio e era conhecida de muitos dos frequentadores.

Esse distanciamento a que me refiro é aquele apresentado por Gilberto Velho no texto "Observando o Familiar" em que ele coloca que uma das premissas tradicionais nas Ciências Sociais diz respeito a uma distância mínima que se deveria ter do objeto para garantir a objetividade do trabalho, sendo que um envolvimento maior poderia influenciar na interpretação do pesquisador. Para isso existem os métodos de cunho mais quantitativos que garantem neutralidade e objetividade desejadas (VELHO, 1999). Até então esse distanciamento fazia parte do meu imaginário sobre a prática antropológica e tinha sido bem compreendido em termos teóricos, mas na prática o que estava experimentando agora era bem diferente. As experiências que tive com a pesquisa de campo, na Graduação, tinham sido em grupos sociais diferentes e distantes do meu, como indígenas e idosos que jogam xadrez no centro da cidade, onde pensar o distanciamento era diferente de pensá-lo dentro do meu próprio grupo. Minha maior angústia era, então, a de não conseguir me distanciar do objeto, não conseguir me colocar como pesquisadora por estar acostumada a ser uma pessoa comum naquele espaço, medo de não perceber situações importantes por achar aquilo natural ou de estranhar tudo com receio de deixar escapar algo.

Entretanto, no mesmo texto que comentei acima, Velho ressalta que nem toda a comunidade acadêmica concorda com essa premissa do distanciamento, sendo que muitos cientistas sociais discutem a necessidade de um envolvimento mais profundo do pesquisador com seu objeto, porque muitos aspectos de certas sociedades só podem ser conhecidos e entendidos através de uma convivência mais próxima e prolongada, não podendo ficar apenas na superfície das relações sociais. (VELHO, 1999). Essas discussões que vi em pesquisas contemporâneas fizeram com que me sentisse mais segura com o fato de pesquisar em meu próprio grupo, porém muitas das literaturas sobre pesquisas nas sociedades complexas contemporâneas, às quais tive acesso, não tratam diretamente da questão de ser pesquisadora em seu próprio grupo de

menores e de uma cultura mais homogênea. Essa mudança de objeto de pesquisa que parte das sociedades primitivas para sociedades complexas, implica num risco metodológico preocupante no que diz respeito ao isolamento de segmentos sociais para facilitar a pesquisa e, a partir daí, tratá-los como unidades realmente independentes das demais relações que se estabelecem naquela sociedade mais ampla.

Outras questões relevantes sobre pesquisas nas sociedades complexas, discutidas por esses autores, aparecem ao longo do meu texto. Estas questões levantadas por eles são de extrema relevância e estiveram presentes em todo processo da minha pesquisa, desde as primeiras ideias até as considerações finais e reflexões mais elaboradas, levantando indagações apropriadas a cada situação, fazendo repensar minha própria prática antropológica nesse contexto. Através deste trabalho pude, com certeza, sentir e compreender a complexidade e profundidade das relações sociais que muitas vezes passam despercebidas na vida cotidiana.

1.3 Estranhar o familiar

No primeiro momento da minha inserção nas festas, eu não tinha um olhar tão atento a todos os movimentos que ali ocorriam, por estar acostumada a vê-los mas certamente já havia uma compreensão antropológica de certas práticas afetivo sexuais e de uso de drogas ali presentes, práticas essas restritas a poucos espaços de sociabilidade, e que não condizem com as normas de conduta dominantes de nossa sociedade. Foi justamente pelo fato de ser frequentadora dessas festas, que elas se tornaram meu objeto de estudo, por conhecer e questionar essas práticas afetivo sexuais - um tanto diferentes das aceitas socialmente - que eu via no meu dia-a-dia, ou melhor dizendo na "noite-à-noite". As perguntas centrais que me fazia eram, "por que essas práticas ocorrem nesses espaços e entre esses jovens e não outros? quem são esses jovens? o que faz com que esse espaço seja tão específico e distinto de outros espaços considerados "gays"?

Quando qualifiquei meu projeto em março de 2009, ficou decidido que eu começaria a frequentar as festas com a finalidade de

convívio mas sim de pesquisas em outros grupos da própria sociedade, onde existe um certo distanciamento social ou psicológico. Então, ao pensar minha situação de “pesquisadora nativa” percebi que a proximidade tanto social quanto psicológica discutida por Velho, no mesmo texto “Observando o familiar”, me ajudava a compreender melhor aquele grupo. O que o autor coloca é que pode existir uma distância social entre grupos, culturas diferentes porém, se houver uma proximidade psicológica, eles conseguirão se comunicar em termos de compartilhamento de conceitos, visões de mundo. Muitas vezes estamos mais distantes psicologicamente daqueles que estão próximos de nós em termos de pertencimento a uma mesma cultura do que de grupos ou sujeitos que estão distantes da nossa sociedade, em termos espaciais, inclusive. Então, o fato de eu pertencer a um determinado grupo, não pressupõe, necessariamente, que eu tenha uma proximidade psicológica com este grupo. Acredito que no meu caso exista sim, uma certa proximidade, porquanto me localizo como “nativa”, mas pensando como pesquisadora; muitos dos meus colegas de grupo não têm a mesma visão que eu sobre nossas práticas sociais no contexto das festas. Outros, porém, compartilham de muitas interpretações que tive sobre o grupo e foi, inclusive, por meio das concepções de muitos deles que cheguei às interpretações que irei expor no trabalho. Uma importante característica do grupo pesquisado é a auto reflexão sobre suas condutas sociais, onde eles me deram diversas explicações sobre as práticas afetivo sexuais que ocorrem na *cena alternativa*, assim como outros aspectos de sociabilidade desses jovens. O fato de que muitos sujeitos de minha pesquisa estudem literatura, cinema, artes, faz com que tenham uma leitura do social que se aproxima, em alguns aspectos, daquela de um cientista social, uma leitura crítica que leva em consideração aspectos culturais e sociais da sociedade, mesmo que os métodos não sejam os mesmos, não se tratando assim, da mesma abordagem. Este é um dado que interfere na interpretação que o pesquisador da ao seu objeto de estudo, pois parte do discurso dos informantes, que é um discurso elaborado e refletido.

Velho fala sobre os conceitos de “familiar” e “exótico” discutidos por Roberto Da Matta no texto “O ofício do etnólogo” (1978). Normalmente relacionamos o familiar com o que é

conhecido e o exótico com o desconhecido, porém o que Velho diz é que nem sempre aquilo que nos é familiar é realmente conhecido e nem sempre o exótico é tão desconhecido assim. (VELHO, 1999)

Ter essas noções de relativismo sobre os conceitos acima, pareceu-me muito útil para meu trabalho enquanto “pesquisadora nativa”, pois conhecia o meu universo de pesquisa, conhecia muitos aspectos daquele grupo aos quais outros pesquisadores talvez não tivessem acesso. Então, se eu os conhecia como nativa, como pesquisadora podia utilizar dessa “vantagem” para pensar antropologicamente tais relações. Claro que o fato desse universo me ser familiar não garantia que eu teria um conhecimento antropológico de tal universo pois o que iria garantir esse conhecimento eram os instrumentos disponibilizados pelas Ciências Sociais. No decorrer do trabalho de campo, precisei ter um cuidado redobrado para não deixar passar detalhes que já havia incorporado como “naturais”. Sendo assim, esse estranhamento do que é familiar continuou sendo essencial ao meu trabalho. Como pesquisadora, tive de usar as lentes e métodos que as Ciências Sociais me oferecem para compreender as relações que ocorrem no meu próprio grupo.

Após qualificar meu projeto de trabalho de conclusão de curso, sentia como se ainda não estivesse pronta para assumir esse outro papel, que é o de pesquisadora, e uma pesquisadora que pesquisa em seu próprio meio, onde muitos dos sujeitos que interagem são conhecidos e até mesmo amigos de tempos. Durante minha preparação para o campo, várias questões foram surgindo, como por exemplo como me comportar, o que eu poderia vestir, não sabia se me vestia como sempre ou de forma mais discreta, se poderia beber ou não, pois até então meu papel naquele espaço era a de frequentadora e agora, como pesquisadora, não sabia muito bem como me comportar. Da Matta no texto “O ofício do etnólogo” fala das etapas pelas quais um etnólogo passa no cotidiano da pesquisa. A segunda fase que ele descreve é chamada de período prático e se refere à antevéspera da pesquisa, quando as preocupações deixam de ser teóricas e passam a ser práticas (DA MATTA, 1978). No meu caso, identifiquei essas preocupações no trabalho de campo exploratório que descrevi acima. Sentia que eu precisava passar uma imagem séria para ter credibilidade, principalmente quando meus

masculino diferiam bastante do discurso das mulheres, principalmente ao falarem de suas experiências homoafetivas. As mulheres se sentiam mais à vontade para falar da sua sexualidade enquanto os garotos sempre estavam tentando reafirmar sua masculinidade.

Algumas dessas inquietações passaram pela minha cabeça enquanto me arrumava para a primeira festa, a qual acabei não indo por achar que não "estava preparada". Tive as mesmas ideias na segunda tentativa, mas então pensei: "Eu tenho que ir, então vou e as coisas vão acontecer e me farão pensar no que preciso melhorar, no que se pode e que não se pode fazer, só saberei indo a campo, pois só o campo te mostra suas possibilidades e suas estranhezas, não se pode preparar a inserção no campo, previamente, em casa, pensando ou programando como vai ser".

1.5 O trabalho de campo

Então, fui a campo. Foi só por volta da terceira saída que me senti mais segura com a situação. No início eu me sentia deslocada, Mesmo que ninguém soubesse que eu estava ali fazendo observação para fins acadêmicos, eu me sentia diferente. Como se houvesse uma placa colada em mim, dizendo "Pesquisadora". Sendo assim, a minha inserção no campo teve início dia treze de março de 2009, na festa *Mind The Gap* que foi realizada na *Circuit*, uma casa noturna situada na Lagoa da Conceição em Florianópolis. Entre 13 de março a 15 de maio de 2009, duração do meu campo, frequentei 15 festas das quais resultaram os 15 diários que analiso em meu trabalho, sendo que existe um 16º diário, produzido quase um ano após o término do campo. A festa que encerrou meu campo, foi a comemoração de cinco anos da festa *Devassa* coincidentemente no mesmo local que a primeira, a *Circuit*, que fechou alguns meses após o término do meu trabalho.

Durante o período em que estive em campo, frequentei as festas desse *circuit* denominado *alternativo* de forma não regular, tentando sair pelo menos uma vez na semana. Em algumas semanas saía duas ou três vezes, conforme a programação semanal, e também conforme minha disponibilidade e condições para me locomover até os locais das festas.

colegas riam do fato de eu estar fazendo pesquisa nas festas; a todo momento, me desafiavam fazendo piadinhas, dando a impressão de que não se pode fazer algo sério em um local onde nada parece ser levado a sério. Falavam coisas do tipo "sei, fazer pesquisa, conheço bem esse tipo de pesquisa", "Ah, observação participante né? bom xaveco esse" e outras nesse estilo. Acredito que se eu fosse uma pessoa mais velha, que se apresentasse como pesquisadora e não fizesse parte daquele grupo, seria vista com outros olhos.

Pelo fato de eu saber dessa relação que talvez eu me preocupasse no início do campo em transmitir essa imagem de alguém que estava fazendo algo sério e que sim, se faz pesquisa antropológica em festas.

1.4 Subjetividade em campo

A Antropologia atual discute a questão da subjetividade do pesquisador e como isso afeta o campo e as relações nele estabelecidas. O pesquisador não é mais visto como alguém neutro e assexuado. Grossi nos mostra - em seu texto intitulado "Na busca do 'outro' encontra-se a 'si mesmo' - que, na Antropologia clássica, as experiências em campo e as questões da subjetividade do pesquisador não eram apresentadas nem discutidas em seus trabalhos. Só posteriormente alguns pesquisadores as apresentavam em um livro/diário, porém as consideravam como exposição ridícula e não como antropologia. Grossi aponta para uma revalorização da experiência subjetiva na pesquisa, a partir de um questionamento dos paradigmas da Antropologia feito pelos antropólogos pós-modernos e por algumas antropólogas feministas, que "...se propõem repensar a relação sujeito/objeto a partir da ótica das relações de gênero". (GROSSI, 1992:10).

Então se faz essencial pensar minha prática antropológica a partir da minha subjetividade: uma pesquisadora jovem, mulher, que é conhecida por muitos dos sujeitos e com quem compartilha o mesmo meio social, compartilha não só o espaço mas a mesma visão de mundo. As interpretações que farei do campo estarão sempre relacionadas a esse referencial, e à forma que me relaciono com o meu objeto. Percebi isto durante as entrevistas que realizei: o discurso dos sujeitos do sexo

Há semanas com até quatro opções de festas, neste *circuito* e há semanas com festas fixas, que são aquelas que ocorrem toda semana no mesmo local, como a *Plastique* na quinta-feira no *Jivago*, a *Sangria disco* aos sábados no *Jivago*, e o bar *Blues Velvet* que nas sextas e sábados traz Djs⁶ que atraem esse público, sendo que em outros dias da semana a programação traz os ritmos jazz e blues mais voltado a apreciar a música do que dançar. Sexta-feira, sábado e véspera de feriado são os dias de maior movimento e como um dos meus objetivos era a observação das práticas afetivo sexuais, em especial as bissexuais, que ocorrem nestes ambientes, concentrei minha frequência nos dias em que havia maior movimento nas *casas*⁷. Um aspecto que interferiu na escolha das festas foram as possibilidades de deslocamento, de forma segura, sendo que para me deslocar até a Lagoa por exemplo, morando no bairro Trindade é necessário ao menos uma companhia ou uma garantia de carona, para não ter de voltar sozinho para casa após a festa, sendo que dependo de meio de transporte público ou de carona de amigos. Essa é uma questão importante em relação a ser pesquisadora “na e da” noite. Ter acesso a essas festas não se restringe apenas a entrar nas casas noturnas, mas também implica no trajeto até elas, desde o momento que se sai de casa até a volta. Andar pelas ruas de uma cidade grande, à noite, sozinha e sendo mulher, sem saber como voltar para casa, interfere na pesquisa. Algumas noites não fui a campo pelo fato de não ter uma companhia; uma única noite resolvi ir de ônibus, sozinha na esperança de encontrar alguém com quem pudesse voltar e assim se fez. Então, o fato de pertencer a um grupo grande de amigos, que disponibilizam de meio de transporte próprio e também por pertencer a uma rede de sociabilidade no espaço das festas me permitiu pesquisar na noite, sendo que, pelo menos um dos meus amigos frequentava uma das festas durante a semana, e assim eu tinha a possibilidade de ir a campo. Essa é uma das vantagens de estar fazendo pesquisa em seu próprio meio de sociabilidade, possibilidades que se abrem pelo fato de conhecer esse universo e seus sujeitos, e dominar a linguagem e estratégias que podem

6 Dj é a abreviação do termo em inglês Disc jockey, designado ao profissional que seleciona e roda uma série de músicas previamente gravadas, em rádios, danceterias, clubs etc.
7 Utilizarei a palavra casas, no plural, para me referir as casas noturnas.

ser úteis, além de algumas vantagens, como não pagar entrada em muitas festas, conhecer os organizadores e outras pessoas do meio.

O ponto mais positivo que poderia destacar é o fato de conhecer o universo da pesquisa, compreender a linguagem dos sujeitos e ter acesso a algumas informações que talvez outros pesquisadores não teriam ou demorariam mais tempo a conseguir, como já comentei acima. A escolha das *casas* se deu a partir da minha experiência como frequentadora, onde identifiquei um *circuito* que era frequentado por um determinado grupo de sujeitos. Dentro deste grupo classifiquei os sujeitos em subgrupos, que são, os *permanentes*, os *recentes*, os *aleatórios* e os *de fora*. Sendo que os *Aleatórios* é uma categoria utilizada pelos próprios nativos. Os *permanentes* são os sujeitos que formam um grupo limitado de pessoas, que frequentam as festas quase desde a sua origem; a maior parte deles são populares ou são amigos bem próximos dos populares, muitos deles ligados diretamente a essa *cena alternativa*, à produção das festas, os organizadores, os DJs.

São conhecidos como os *hypes*⁸ da festa, não que outros sujeitos não possam ser *hype*, mas esse grupo é reconhecido por essa categoria.

O Segundo grupo que identifiquei é uma extensão desse primeiro, formado por um número maior e menos restrito de sujeitos. Esse é o grupo central do meu estudo, formado por estudantes das universidades federal e estadual situadas em Florianópolis, dos cursos de moda, letras, design, cinema, artes cênicas e visuais, entre outros relacionados a essas áreas. O terceiro grupo são os *aleatórios*, sujeitos que frequentam as festas, mas que não se encaixam nos dois grupos citados acima, entre eles, os que estão indo a alguma das festas pela primeira vez, turistas, pessoas mais velhas que frequentam as festas gays, pessoas de estilos que diferem do estereótipo desse público *alternativo* em questão.

Os *de fora* são sujeitos oriundos do *circuito* de casas noturnas destinados a elite tradicional de Florianópolis, eles não são reconhecidos pelo público *alternativo* como pertencentes aquela *cena*, mas estão frequentando certas festas que ocorrem no *Jivago* desde o final de 2009.

Comecei a observação pelas características do ambiente, e

8 *Hype* é um termo em inglês, que significa “aquele que está por cima da onda”, utilizo em itálico por ser um termo utilizado pelos meus informantes.

percebi como eu nunca havia realmente prestado atenção nos detalhes, como por exemplo, a cor das paredes, de que material era o piso. Reparei também nas pessoas que se afastavam do estereótipo que eu havia construído, do tipo que frequenta essas festas, o público *moderno* e *indie*.

Então, aquilo que até então eu achava que fosse familiar, que eu conhecia bem por ser frequentadora, percebi que não era tão simples. Para uma pesquisa acadêmica, o meu olhar de nativa poderia me auxiliar, mas não bastava; eu deveria tomar bastante cuidado ao descrever os grupos, e que a inserção no campo iria ser realmente uma inserção, onde eu iria ter que observar com atenção e cuidado todos os detalhes possíveis.

Nessa primeira ida a campo, na *Circuit*, eu não sabia ao certo como me aproximar das pessoas, já que era a primeira vez que iria para uma festa com outras intenções que não a de me divertir, mas a de pesquisar.

A princípio, a ideia era abordar as pessoas e tentar conversar sobre o tema, que são as práticas afetivo sexuais, porém não sabia se essa técnica teria sucesso. Logo que cheguei, a *casa* não estava lotada; as pessoas estavam concentradas no piso inferior, onde tem um bar com algumas mesas, alguns sofás e dois "darkroom", que são quartos escuros com paredes pretas, luz de neon, com um grande sofá de veludo vermelho e uma mesa de centro. Esses são espaços mais reservados, para as pessoas que querem se conhecer melhor ou para aqueles que desejam um local mais íntimo. Para uma primeira vez, acredito ter sido bem sucedida, pois assim que entrei na *Circuit*, um amigo me apresentou um rapaz, com o qual conversei sobre a pesquisa; ele se mostrou bastante interessado e me levou para o "darkroom" para conversarmos melhor. Naquele mesmo momento, ele começou a me relatar coisas sobre sua vida sexual, e me fez algumas confissões. Porém, logo abriram o segundo piso, onde ficam um bar maior, a cabine do DJ e a pista de dança; nesse momento, todos que estavam no piso inferior subiram para dançar. Foi então que percebi que o tipo de abordagem que eu havia planejado não daria certo, pois as pessoas vão a essas festas para dançar e interagir com outras pessoas, e não para falar de sua vida sexual para uma desconhecida. Ai, eu pensei, "é agora o que

eu faço?". Então, após analisar as possibilidades, optei apenas pela observação e, quando achava oportuno, me aproximava de alguém para conseguir contato para futuras intermediações. Foi dessa forma que eu realizei o campo, indo às festas desse *circuit* e observando o que as pessoas vestiam, bebiam, como se relacionavam e se aproximavam de outras pessoas, quem beijavam, quantos beijavam, sempre atenta às conversas, principalmente nas filas, como na fila de entrada das festas e *casas*, filas do banheiro e do bar e a fila do caixa na saída. Essas conversas em filas foram importantes espaços de coleta de dados. Nas filas eu conseguia observar com atenção quem eram as pessoas, sobre o que conversavam e as expectativas para a noite; no banheiro, conseguia confissões sobre o uso de drogas, e outros assuntos.

Aos poucos, fui aprendendo a me relacionar com o campo e a lidar com as informações que vinham até mim por outros canais, como as conversas informais que presenciava na casa de amigos, ou em algum bar, fora desse *circuit*, nos momentos de lazer, onde se discutia algum evento envolvendo a sexualidade de algum colega, ou comentários sobre a última festa, quem beijou quem, quem fez o que, e o que eles pensavam sobre essas práticas e sobre o comportamento das pessoas. Às vezes acontecia de várias pessoas me falarem sobre um mesmo acontecimento, e então eu conseguia analisar as diferentes percepções que eles tinham sobre um único evento, que muitas vezes eu mesma havia presenciado em campo. Esses momentos foram de grande importância para a compreensão da visão de mundo desse grupo, sobre o sentido que aquelas práticas tinham para eles, e se constituiu num meio bastante rico para a pesquisa.

Mesmo sem eu levantar essas questões, meus colegas sempre acabavam falando sobre algo que me interessava, e claro, eu registrava em meu caderno de apontamentos em momento oportuno para depois refletir sobre aquelas informações e desenvolvê-las em meu diário de campo. Essa fonte de informações se tornou um meio caminho para a segunda parte do trabalho que foram as entrevistas.

Nessa nova etapa, selecionei alguns dos personagens mais significativos de meus diários para fazer a entrevista; tentei buscar ao menos um representante de cada subgrupo que observei: os heterossexuais que tiveram alguma prática homossexual, os

homossexuais que tiveram alguma prática heterossexual e aqueles que não se rotulam e que tem práticas diversas, isso, no contexto das festas.

1.6 As entrevistadas

O roteiro das entrevistas foi dividido em três temas centrais: a primeira parte trata do *circuito* de festas, da sociabilidade nesses locais, procurando observar a forma que essas festas aparecem no discurso dos informantes. A segunda é voltada às práticas afetivo sexuais desses jovens, que falam sobre sua trajetória, partindo do momento que eles consideram significante, englobando as práticas que ocorrem no ambiente das festas. A terceira parte, que finaliza a entrevista, é voltada à identidade sexual desses jovens, com perguntas diretas.

As entrevistas, em sua maior parte, ocorreram em minha casa, mais especificamente em meu quarto, de forma descontraída, sendo que todos os entrevistados são conhecidos meus e se sentiram a vontade com a situação. Por que em meu quarto? Pelo fato de que, na época, eu dividia a casa com mais três pessoas, não tendo privacidade suficientes nos outros cômodos que não fosse no meu quarto. Cada entrevista durou cerca de 50 minutos. Um dos informantes desistiu da entrevista no meio do processo; conversei com ele em uma festa explicando sobre o que seria minha pesquisa e ele se mostrou bastante interessado em falar sobre o tema; entretanto, após eu enviar o questionário para que ele soubesse do que se tratava, me respondeu dizendo que não gostaria de falar sobre suas intimidades e sua vida sexual a uma semi-conhecida. Dessa maneira, a entrevista não foi realizada e, curiosamente, esse meu conhecido que até então sempre foi muito simpático, passou a me evitar nas festas, a ponto de não nos cumprimentarmos mais. Após a realização das entrevistas, iniciei a revisão destas e dos diários de campo, onde identifiquei as principais categorias e iniciei a reflexão dos dados; quando dei início a essa etapa do trabalho, o ritmo foi diminuindo e notei que à medida em que me envolvia com o tema, também me sentia repelida por ele; comeci a me distanciar do trabalho, me envolvendo com outras atividades do curso, como a finalização da licenciatura. Deixei, assim, o TCC, de lado por um período que acabou se tornando longo; quase um ano e meio se passou desde o início do meu campo e

somente há menos de dois meses para a defesa da monografia é que voltei a realmente trabalhar nela. Pensar nela, nunca deixei de pensar, até porque era algo que estava pendente, não havendo como me desligar, e também porque meus amigos sempre estavam comentando algo sobre as festas; eu mesma frequentei algumas delas nesse período, porém muito pouco.

Muitos dos informantes que se propuseram a dar entrevista, ficaram adiando a data e acabei não entrevistando-os, então trabalhei com as entrevistas já realizadas que, junto com as observações e conversas informais, me parecem suficientes para meu objetivo

O que percebi, nas poucas vezes que voltei a campo e que se fazia presente no discurso dos meus informantes, foram as mudanças que ocorreram no *circuito* das festas. Mudança de público e talvez do estilo musical, em certa medida, porém as práticas afetivo sexuais, objeto específico de meu estudo, me parecem as mesmas.

CAPÍTULO II

O *círculo* de festas *alternativas* e sociabilidade entre os jovens neste contexto

Neste capítulo descrevo o *círculo* de festas *alternativas*, mas antes de iniciar qualquer reflexão sobre o tema, é necessário compreender em que sentido é utilizado o termo *alternativo*, para depois avançar nas demais compreensões sobre o que é o *círculo* e suas principais características. Relato as festas e casas noturnas que o compõe e os aspectos da sociabilidade jovem, como o uso de álcool e drogas dos jovens nesses ambientes, a partir de observações feitas antes, durante e depois do trabalho de campo.

2.1 Dando sentido ao *alternativo*

Utilizo o termo *alternativo* para me referir ao *círculo* dessas festas e seu público, por este ser o termo usado no discurso de meus informantes. Tentando contextualizar o uso desse termo nos dias atuais entre os jovens de um *círculo* de festas que se autodefinem como *alternativos*. O que significa ser *alternativo* nos dias de hoje? Quais são as marcas desse *alternativo*?

Para reconstruir de forma breve a trajetória do movimento de contracultura dos anos 60, ao qual o termo *alternativo* está vinculado, me baseio no trabalho de conclusão de curso em ciências sociais de Dalva Brum realizado em 1999 na UFSC. Tento identificar se este *alternativo* dos meus informantes tem algo a ver com aquele "*alternativo*" dos anos 60 e 70. Neste trabalho, intitulado "Os Filhos da Contracultura", a autora nos mostra que os anos 60 foram fortemente marcados por diversos acontecimentos históricos, políticos e sociais, responsáveis pelo surgimento de uma nova consciência, que questionava o sistema vigente da época. A autora destaca três acontecimentos da época, como importantes para o cenário que se desenrolou a partir de 60: a revolução cultural chinesa, a resistência popular vietnamita ante a

invasão americana e a experiência de luta revolucionária guerrilheira de Che Guevara nas reformas da Bolívia. Brum coloca que o ano em que se manifestou o resultado de todos esses acontecimentos históricos, políticos e sociais, 1968, representa um ponto importante para a compreensão do século XX: "*A contestação de 68 foi a expressão da crítica do modelo de sociedade industrial do pós guerra*". (BRUM, 1999:14). Neste período, os palcos de lutas foram representados por diversas cidades do mundo. As mulheres também tiveram sua participação neste processo, quando, nos anos 60, ressurgem as reflexões feministas em outros âmbitos de luta. Além das reivindicações pautadas nas desigualdades políticas, trabalhistas e civis, as mulheres introduzem outra problemática, que diz respeito ao questionamento das raízes culturais dessas desigualdades. Deste modo, no final dos anos 60, estava em pauta, na sociedade ocidental, a questão da igualdade entre sexos, trazendo a necessidade de redefinir os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Neste contexto, havia, por parte da juventude, uma recusa da sociedade de consumo e muitos jovens não encontravam uma proposta de transformação que os interessasse, nem mesmo na esquerda. Eles queriam romper com a ordem vigente, com os padrões impostos e recriar valores. Isso seria possível em um mundo alternativo, que fosse contra a cultura dominante e o sistema.

Dessa revolta cultural que criticava a cultura ocidental surgiu um movimento que negava o modo de vida convencional, rejeitando os valores tradicionais. Esse movimento, que surgiu nos Estados Unidos e foi intitulado "Contracultura", pela mídia norte-americana, é também definido como underground, que remete ao submundo, um outro mundo, o mundo alternativo, que teve sua maior manifestação no chamado movimento hippie, com uma posição apolítica, propondo mudanças que se desvinculam das tradicionais. Este movimento teve como características principais, o uso de drogas e a música de protesto que ganha força nos anos 60, com os festivais. Lá estavam presentes os hippies com suas roupas coloridas e diferentes; esse visual, que dizia muito sobre seu modo de ver a vida, revelava uma nova postura e forma de pensar e se relacionar com o mundo. (PEREIRA apud BRUM, 1985). Esse movimento não ocorreu apenas nos Estados Unidos, mas em outras partes do mundo como na Europa e menos intensamente na América

Latina, tendo seus reflexos no Brasil, influenciando a conduta de toda uma geração que enfrentou a ditadura militar que iniciou em 1964.

Segundo um dos mais importantes representantes da "Contracultura" no Brasil, Luis Carlos Maciel, a palavra "Contracultura" pode ser pensada de duas maneiras: a primeira, como um fenômeno histórico concreto, que ocorreu em diversos países, tendo sua origem nos anos 60. O segundo sentido remete a uma postura, um comportamento que se mostra crítico, diante de uma cultura convencional (MACIEL apud BRUM, 1999 p. 280)

É nessa segunda perspectiva que utilizo o termo Contracultura, para melhor entender o "ser alternativo" no contexto do *circuito* que se define *alternativo* em Florianópolis, um *alternativo* no sentido de se opor às normas e morais de seu tempo, que vai contra o senso comum e contra as convenções sociais em algumas esferas da vida pública e privada. Esse *alternativo* usa de alguns meios para se afirmar, como a música, o modo de ser vestir e se comportar, o uso de drogas e principalmente as práticas afetivo sexuais que, à medida que se distanciam da conduta dominante, mostram sua crítica e questionamento sobre as mesmas. O discurso de um informante sobre o que é "ser alternativo" reafirma essa visão quando ele diz que o *alternativo* é aquilo que se difere do senso comum, que é contrário à produção de massa". A partir do momento em que algumas manifestações do *alternativo* começam a ser apropriadas por outras esferas sociais e deixam de ser referências específicas de um determinado grupo, passando a ser algo banal seu sentido se perde e deixa de ser *alternativo*. Dessa forma o *alternativo* vai em busca de outros elementos para se definir e se diferenciar do resto da sociedade.

2.2 Conceituando o *circuito*

Identifiquei um *circuito alternativo* frequentado por jovens que compartilham valores e práticas que serão descritos e analisados aqui. O conceito de *circuito* desenvolvido por Magnani ajuda a compreender a rede de sociabilidade que é tecida por esses jovens no contexto da cidade. No livro intitulado "Na Metrópole" (1996), Magnani fala sobre a experiência das pesquisas em cidades, principalmente em grandes

metrópoles como São Paulo, onde um grupo de estudantes de Antropologia urbana realizou diversas pesquisas nos vários espaços de lazer da cidade. Ao analisar as formas de viver "a" e "na" cidade, o autor observa e descreve as formas de se relacionar com os múltiplos espaços que uma metrópole abriga e, para isto, utiliza algumas categorias que descrevem diferentes modos de uso e apropriação do espaço, como as noção de pedaço, mancha e circuito.

A noção de pedaço surgiu de uma pesquisa sobre lazer e sociabilidade em um bairro na periferia de São Paulo, quando um termo nativo passou a significar uma categoria ... "que descreve uma particular forma de sociabilidade e apropriação do espaço" (MAGNANI, 1996: 33), que ajuda a pensar as relações sociais estabelecidas entre os de dentro e de fora de um certo espaço delimitado. Segundo Magnani,

"Quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado, torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço." (MAGNANI, 1996:32).

Coloca ainda que o termo se refere a um espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, que vai além da estabelecida em casa, nos laços familiares, mas, mais densa e estável que aquelas de cunho formal impostas pela sociedade. É nesse espaço que se desenvolvem e constroem as relações do dia-a-dia, desde as coisas comuns, as trocas de informações, os conflitos e o lazer. Essas redes de sociabilidade são marcadas então pelas relações de família e vizinhança, englobando também os de fora do "pedaço".

Magnani propõem pensar esse conceito fora do bairro, na cidade, onde os sujeitos que percorrem os espaços vem de diversos lugares, e as relações são marcadas pela impessoalidade, saindo daquele âmbito familiar que é o bairro. Deste modo, ele mostra que existem outras formas de apropriação dos espaços. Os locais que servem de ponto de referência para um número maior e mais diverso de frequentadores, com base física mais ampla, permitindo, dessa forma, a circulação de pessoas de várias procedências, são chamados de manchas. Magnani descreve as manchas como

... áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando uma atividade ou prática predominante." (MAGNANI, 1996:40).

Desse modo uma mancha de lazer pode ser formada por bares, restaurantes, cinemas, entre outros, e constituem ponto de referência para uma certa atividade.

Chegamos então ao conceito que nos interessa, que é o de *circuito*. A noção de *circuito*, para Magnani, diz respeito a um conjunto de espaços, equipamentos e estabelecimentos que têm algo específico em comum, não são contíguos na paisagem urbana e que são reconhecidos em sua totalidade apenas pelos seus usuários. Vale lembrar que a cidade não é formada por aglomerados de pedaços, manchas ou *circuitos* isolados e excludentes; existe, entre eles, uma circulação de pessoas que fazem suas escolhas dentro das várias opções que existem. Esses espaços que ligam um local a outro são chamados de trajetos e são eles os responsáveis pela abertura do pedaço e das manchas, não os tornando algo fechado em si mesmo. Magnani faz uma aproximação do conceito de *circuito* com o termo *cena*. "Ambos supõem um recorte que não se restringe a uma inserção espacial claramente localizada". (MAGNANI, 2007:251). O *circuito* é formado por equipamentos físicos e acesso a espaços virtuais, *cena*, apesar de compartilhar com o *circuito* a independência com relação a contiguidade espacial, é mais vaga e ampla, pois envolve atitudes e opções estéticas e ideológicas, que se articulam nos *circuitos*. "A *cena*" é constituída pelo conjunto de comportamentos (pautas de consumo e gostos) e pelo universo de significados (valores, regras) exibidos e cultivados por aqueles que conhecem e frequentam os lugares 'certos' de determinado *circuito*". (MAGNANI 2007: 251). Deste modo pode-se frequentar um determinado *circuito* e pertencer a outra *cena*.

No caso do *circuito* das festas *alternativas* na cidade de Florianópolis, são *casas* e festas frequentadas por determinado grupo de jovens. Podemos dizer que se trata de um *circuito alternativo*, que engloba, além dos locais das festas, outros estabelecimentos, como lojas de roupas, pois essa *cena* está muito ligada à moda e atividades culturais

em geral, como teatros, cinema, bares e até mesmo à vida acadêmica desses jovens, se pensarmos nos cursos que frequentam ou frequentaram na universidade.

Como o foco do meu estudo são as práticas afetivo sexuais e sociabilidades que ocorrem no contexto dessas festas *alternativas*, irei tratar desse *circuito* de festas e *casas*, especificamente, mas sem ignorar que existe um outro, maior, que envolve vários estabelecimentos e equipamentos da vida cotidiana. Este *circuito* abriga sujeitos de diferentes *cenars*, porém meu objeto de estudo são os jovens pertencentes a *cena alternativa* que frequentam esse *circuito*, sendo que esta *cena alternativa* está presente nos espaços do *circuito* a muitos anos e foi nesses espaços que a reconheci.

Percebi um *circuito* quando identifiquei um determinado grupo de sujeitos, que frequentavam as mesmas festas, há cerca de cinco anos ou mais. Essas festas, reconhecidas como *alternativas* não acontecem no *circuito* de *casas* noturnas voltada aos grupos mais tradicionais. Outra característica desse grupo, é que seus integrantes se re-conhecem como membros desse universo *alternativo*, fazendo parte de um determinado grupo universitário, de determinados cursos das áreas das artes, comunicação, letras e humanas.

Notei que existe um compartilhamento das visões de mundo entre esses jovens, porque muitos deles compram nas mesmas lojas, compartilham modos de se vestir, de se comportar, interesses pelos mesmos temas, cinema, arte, moda, literatura, uso de drogas, entre outros aspectos. Só foi possível identificar esse *circuito* devido ao meu pertencimento ao grupo onde, ao longo dos anos, fui descobrindo esses inúmeros espaços de compartilhamento.

Esse é um *circuito* que apresenta muitas mudanças em termos de festas, *casas*, músicas e sujeitos, apesar de compreender um determinado grupo de pessoas que estão presentes no *circuito* desde minha inserção na *cena* até hoje.

Referente à *cena* musical, ocorreram diversas mudanças, naturais a qualquer sociedade que está em constante transformação, mas sempre mantendo unidade de referência. O mesmo acontece com as festas que estão diretamente ligadas à música, que é um dos fatores que dá clima e

tom ao lugar, além das características arquitetônicas, decoração, luz, espaço físico e sujeitos que as frequentam.

Quando comecei a frequentar as festas, em 2005, as *casas* das quais eu tinha conhecimento eram o *Galileus*, *Tulipas* e a *Creperia Nouvelle Vague*. Desde aquele ano até o início de meu trabalho de campo muitas festas passaram por esse *circuit*, algumas das quais já não lembro do nome.

As principais festas do *circuit* eram a *Devassa*, *Rocket*, *Ravemetal* e a *Pélviz*, que existem até hoje, apesar de todas aquelas *casas* terem fechado. A *Devassa*, a *Ravemetal* e a *Rocket* são festas que ocorrem com um intervalo de tempo, entre dois e três meses ou menos. A *Pélviz* ocorria semanalmente naquela época, mas hoje segue o mesmo ritmo das demais. Desde 2005 até hoje, muitas *casas* abriram e fecharam e muitas festas aconteceram. No período em que realizei meu trabalho de campo as *casas* do *circuit* eram o *Jivago Lounge*, o *Blues Velvet* e a *Circuit*. Esta última fechou logo após o término do meu trabalho de campo.

As festas nas quais realizei meu campo foram a *Devassa*, a *Mind The Gap* - que ocorria na *Circuit*- e a *Plastique* - que ocorria no *Jivago* todas as quintas- além de outras que ocorreram no *Blues Velvet*. Além das *casas* fixas do *circuit* existem as *casas* que não fazem parte dele, mas que realizam alguma de suas festas, eventualmente. Hoje em dia as *casas* do *circuit* são o *Jivago Lounge*, *Blues Velvet*, *1007 Boite chik*. O *1007* era um prostíbulo que, no período do meu campo, era uma dessas *casas* fora do *circuit* que realizava alguma festa esporadicamente, mas que logo após o término do meu campo se tornou uma *casa* fixa dele, e é conhecido pelos frequentadores do *circuit* como *puteirinho* e/ou *infernhão*. Atualmente existe uma série de festas que ocorrem nas *casas* do *circuit*, desde as fixas, que ocorrem toda semana no mesmo local, até as que ocorrem em intervalos de tempo e outras festas como as do curso de moda ou cinema que geralmente ocorrem no *1007*. Além disso, em algumas *casas* não existe uma programação fixa, mas que varia de semana para semana. Na época que conheci esse *circuit*, havia em média uma festa por noite, de quinta a sábado geralmente. Atualmente as principais festas continuam ocorrendo de quinta a sábado, porém em cada um desses dias existe até três opções de festas. Isto

demonstra o crescimento da *cena*. Construí uma tabela contendo as *casas* e festas do *circuit* no primeiro semestre de 2010. Nela visualiza-se esse aumento de festas e ampliação do público e estilos de música.

Existem as *casas* fixas do *circuit* com sua programação fixa ou não e as festas que ocorrem em locais diversos, como em boliches, iates ou outras casas noturnas que não compõem esse *circuit* alternativo.

Muitas dessas *casas* e festas possuem uma página na internet, seja Blog, Facebook ou Orkut, com informações sobre programação, contatos, cardápio entre outros. Existem também os folders de divulgação das festas, que circulam entre os espaços do *circuit* como lojas e determinados ambientes universitários, e as listas de e-mail pela qual as festas são divulgadas, aqueles que estão cadastrados. Vemos assim que os meios de divulgação dessas festas se restringem aos espaços de sociabilidade de um determinado grupo específico, onde quem tem conhecimentos dessas páginas na internet e recebe esses e-mails sobre a programação das festas, são os que fazem parte do *circuit*, caracterizado como fechado, não a novos frequentadores, mas a um determinado perfil de sujeitos. O próximo capítulo fala sobre os sujeitos da pesquisa, descrevendo com maiores detalhes o perfil desse público alternativo.

Tabela 1. Festas do *circuito* período fevereiro à junho 2010. continua

Festa	Local	Frequencia	Valor entrada	Principal estilo de música
<i>Plastique</i>	<i>Jivago</i>	Quinta-feira	RS15 RS20	Pop; anos 1990
Convida	Jivago	Sábado	RS15 RS20	Variado conforme tema festa.
Devassa	Variado	Bi/trimestral	RS15 RS30	<i>Eleiro-rock</i>
Rocket	Variado	Bi/trimestral	RS10 RS20	<i>Rock; indie-rock</i>
Ravemetal	Variado	Bi/trimestral	RS10 RS20	<i>Rock</i>
2ManyHits	Variado	Mensal	Varia conforme local da festa.	Cada edição tem um tema musical.
2Thousands	Variado	Mensal	Varia conforme local da festa	Variado; Pop; anos 1980 e 90.
Oldfashioned	Variado	Mensal	Varia conforme o local da festa	Variado; Pop
Disaster	1007	Mensal	Varia	<i>Rock e vertentes</i>
Festas de cursos de graduação	Variado	Sem previsão	Varia conforme a festa	Varia conforme a festa

Tabela 1. Festas do *circuito* período fevereiro à junho 2010.

Festa	<i>Público</i>	Organizadores
<i>Plastique</i>	<i>Boys e pattys; gays de outros circuitos</i>	A e B
Convida	<i>Permanentes; boys e pattys</i>	C
Devassa	<i>Permanentes;recentes</i>	C
Rocket	<i>Permanentes;recentes</i>	C
Ravemetal	<i>Permanentes;recentes</i>	C
2ManyHits	<i>Recentes;boys e pattys</i>	D
2Thousands	<i>Recentes; boys e pattys</i>	D
Oldfashioned	<i>Recentes; boys e pattys</i>	D
Disaster	<i>Permanentes;recentes</i>	F
Festas de cursos de graduação	<i>Recentes;aleatórios</i>	Varia conforme festa.

2.3 Casas e Festas em que realizei observação participante durante o campo

Devassa

A *Devassa* é uma das festas mais antigas e tradicionais desse *circuito*. Sua primeira edição ocorreu no *Tulipas Bar*, antiga e já extinta *casa do circuito*. Em maio de 2009 completou 5 anos, com uma grande comemoração que ocorreu na *Circuit*. Nesta noite a *casa* foi aberta por volta das 22h00 apenas para os convidados, quando ocorreu um coquetel e performances. Por volta da 1h00 da manhã a *casa* foi aberta para o grande público. Esta festa ocorre em intervalos de dois a três meses geralmente, podendo ter intervalos menores, e não tem local fixo para acontecer. A cada edição ocorre em local diferente, desde *casas* noturnas do *circuito* ou fora dele até iates ou boliches. A *Devassa* sempre foi famosa por ser a festa onde “rola de tudo”; eu mesma já presenciei muitas cenas, como sexo oral em público e garotas dançando com os seios de fora. Como o nome sugere, o espírito da festa é a devassidão.

Nos últimos anos, porém, venho observando uma mudança no perfil da festa e de seu público alvo. Com a popularidade da festa, esta atingiu um grupo maior de frequentadores. Já o estilo de música que geralmente toca na *Devassa* tem suas raízes no *eletro-rock* e suas variáveis. Por ser uma das mais antigas festas e que permanece até hoje, representa um importante evento a ser analisado, pois acredito que ela influenciou o *circuito* como é constituído hoje. Seu produtor também produz várias outras festas do atual *circuito* e deve ter levado para as outras o mesmo conceito e estilo da *Devassa*.

Entretanto, a meu ver, o que mais influenciou as outras festas não diz respeito apenas a estilo musical e conceito de festa, mas às práticas afetivo sexuais nelas realizadas e relacionadas a esse *circuito alternativo*.



Figura 1. Fôlder divulgação Festa *Devassa* que ocorreu na Confraria das Artes.

O Jivago Lounge

O *Jivago* localiza-se no centro da cidade de Florianópolis, em uma região nobre. Em 2008 foi eleito pela revista *Veja*, como melhor lugar para se dançar na noite de Florianópolis. Isto atraiu turistas, principalmente na alta temporada.

O nome se refere ao clássico do cinema, “Doutor Zhivago”, que tem como cenário a Rússia revolucionária, inspirando a *casa* que tem como uma das atrações o clube da *Vodka* e diversos pratos da gastronomia russa oferecidos no menu de restaurante, servido, aproximadamente, das 19:00 as 22:30. Na decoração, também inspirada na Rússia, são usadas as cores vermelha e preta, com detalhes dourados e muitos espelhos, compondo um ambiente com ares de nobreza. Na entrada da *casa* existe um deque, cercado com vidro e com vista para a rua, com mesas e plantas. Na parte interna, no primeiro piso, tem o caixa, um pequeno bar e uma área com duas mesas brancas de pedra tipo granito e na parede um televisor de tela plana onde passam vídeo cliques. Logo na entrada da área coberta existe uma parede de mosaico feita de espelhos. Uma escada de pedra branca leva ao piso superior, composto por uma sala grande, com dois sofás de couro, e duas mesas com cadeiras, na parede uma faixa de espelhos, uma cortina que vai do teto ao chão, de veludo vermelho, e o lustre no estilo clássico, grande e poderoso. No segundo piso está a pista de dança, toda envolta por espelhos, com paredes vermelhas com desenhos dourados, a cabine do DJ – onde, ao fundo, há uma TV tela plana que passa vídeos-, o bar, a cozinha – da qual só se vê a porta de entrada-, uma varanda (que é fechada após as 24h00) com duas mesas. Perto da pista de dança há uma porta que leva aos banheiros, feminino e masculino.

Nos dias de maior movimento, todos os espaços ficam cheios; nos demais dias, as pessoas que querem dançar se concentram na pista e as pessoas que preferem apenas beber algo e conversar ficam no piso inferior, no deque. O espaço do deque já foi utilizado algumas vezes para a realização de bazares e exposições de peças de uma loja de roupas e acessórios, que é frequentada pelo público alvo da festa. No mesmo dia do bazar, durante a festa, ocorreu uma exibição de vídeos de uma artista plástica de Florianópolis, o que é uma prática comum nas festas desse *circuito*. Há uma interação de música com arte e performance.

O *Jivago* funciona de terça a sábado, porém as festas que eu observei foram, a *Plastique*, que ocorre nas quintas-feiras e as festas de sábado que, no período do campo, era a *Sangria Disco*, que logo após o término do meu campo, também teve fim, dando lugar à *Nova Música*, que foi lançada em setembro e que toca músicas atuais. Muitas festas desse *circuito* tocam músicas antigas, clássicas, bregas, bizarras, dos anos 80 e 90. Atualmente a programação do *Jivago* aos sábados é a *Convida*. *Convida* é um evento que a cada semana, no caso a cada sábado, convida uma festa para ser realizada no *Jivago*. Entre essas festas poderia citar a *Devassa*, *Pop-up*, *Rocket* entre outras.

Essas são as festas que ocorrem no *Jivago* e que fazem parte do *circuito alternativo* que identifiquei e analiso. Algumas das demais festas que ocorrem no *Jivago*, são voltadas ao público gay e simpaticante, que difere do público alvo do *circuito* das festas *alternativas* estudo em minha monografia..

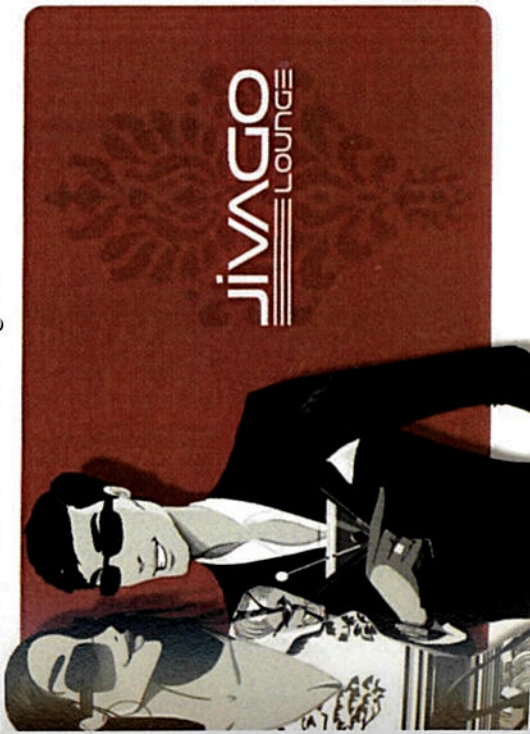


Figura 2. Fólder do Jivago Lounge

A *Plastique*

A *Plastique*, nas quintas-feiras, uma das principais festas desse *circuito*, ocorre há mais de um ano, sempre enchendo a *casa* e trazendo atrações musicais e novidades em termos de produção, como, por exemplo, a *Batalha dos IPods*: grupos de até três pessoas se inscrevem e fazem uma seleção de músicas para tocar em uma noite da festa em que todos os grupos inscritos competem, levando em consideração a performance artística dos grupos, além da escolha das músicas. O público elege os melhores da noite, que vão para as próximas etapas, realizadas em outra noite, ao fim, o vencedor ganha um prêmio, que já foi, por exemplo, um vale-compras em alguma loja de roupas; hoje em dia é em dinheiro, no valor de R\$500,00. Observei, porém, que não é qualquer pessoa que se inscreve na batalha; geralmente os concorrentes são grupos formados pelas pessoas mais populares desse *circuito* ou, pelo menos, os frequentadores de anos, que têm uma vasta gama de conhecidos. Outra atração era o sorteio de tatuagens: os frequentadores preenchiam uma ficha ao entrar na *casa* para participar do sorteio que ocorria uma vez ao mês. Dose dupla de vodca até meia noite também é um atrativo da festa que é realizada de tempos em tempos. Comprando uma dose de vodca a segunda é por conta da *casa*.

Durante a realização de meu campo, o valor da entrada para a *Plastique* era de R\$12,00 (com nome na lista, válido até 00h30) e R\$15,00 (sem nome na lista). Para colocar o nome na lista é necessário enviar uma mensagem com nome completo para o e-mail da festa, que esta disponível no Orkut da *Plastique*.

Através desta prática, observei na fila de entrada da festa, que os sujeitos que possuem nome na lista fazem parte de um grupo mais específico de frequentadores que fazem parte do *circuito* e que têm conhecimento dessa lista. A maior parte do público que frequenta a festa entra com nome na lista, as pessoas que entram sem constar da lista são, geralmente, o público que não faz parte do *circuito*.

A festa vai até às cinco da manhã, aproximadamente mas isso depende do dia, pois não tem horário determinado por alvará, para terminar.



Figura 3. Fôlder de divulgação da Festa “Plastique”.



Figura 4. Fôlder divulgação da Festa Plástica.

Sangria Disco e Convida

A *Sangria Disco* foi uma festa que começou no período em que eu estava em campo, e não durou mais que dois meses. Ela ocorria no *Jivago*, aos sábados e nas poucas vezes que fui à *casa*, não estava muito cheia. A entrada era de R\$10,00 com nome na lista, R\$15,00 sem nome.

A festa foi substituída, alguns meses depois de seu término, pela *Nova Musica*. Hoje em dia existe a *Convida* um evento que convida uma festa diferente a cada sábado. Para citar um exemplo na semana de lançamento do filme "Alice no país das maravilhas", a *Convida* realizou a festa *Pop-up*, cujo tema era aquela história. Inclusive, a "hostess"⁹ estaria vestida de rainha de copas e o DJ, de chapeleiro maluco. Quem fosse fantasiado de algum personagem do filme pagava R\$10,00 a entrada, sendo que o preço normal é R\$15,00 com nome na lista.

É importante ressaltar que, apesar das festas terem mudado de nome no período em que estive em campo, elas continuam sendo organizadas e frequentadas pelas mesmas pessoas. Acredito que a constante mudança de nome das festas, seja uma forma de atrair o público, pelo aspecto de novidade que este ato representa.

9

Hostess é uma profissão que teve origem nos Estados Unidos da América, no Brasil pode ser comparada a recepcionista de festas e eventos.

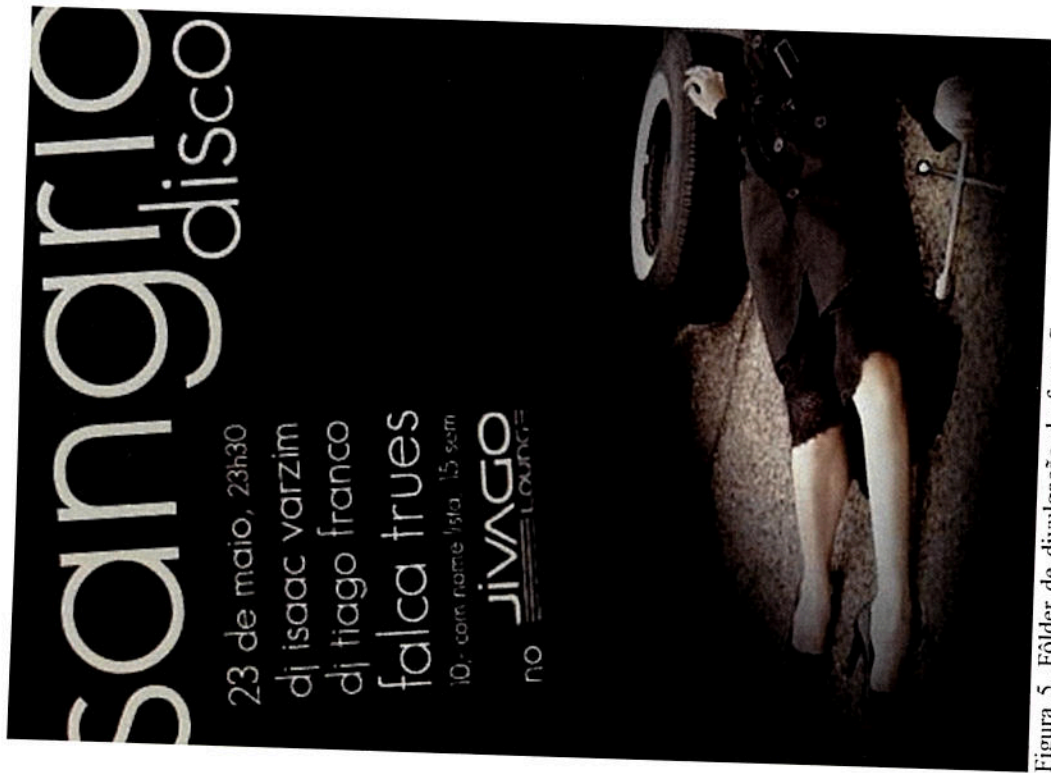


Figura 5. Fôlder de divulgação da festa *Sangria disco* que ocorria no *Jivago Lounge* no período de meu trabalho de campo.

O Blues Velvet Bar

O *Blues Velvet* localiza-se na rua Pedro Ivo, no centro de Florianópolis, em uma região conhecida pela prostituição. O nome do bar faz referência a um filme do diretor David Lynch e tem uma filial na cidade de Curitiba no Paraná que foi inaugurada em 2009. A entrada da *casa* é por uma porta estreita com um letreiro azul escrito *Blues Velvet*, que geralmente não é encontrada na primeira vez que se procura o lugar. Ao abrir essa porta existe uma grade de ferro e um interfone. Toca-se o interfone, a porta de ferro é aberta, sobe-se por uma escada estreita e se chega ao bar, onde algum funcionário entrega a comanda. Nos dias e horários de maior movimento, a comanda é entregue já na primeira porta. Logo na entrada fica o bar, o caixa junto a ele e a pista de dança com espaço para a cabine do DJ. Nesse espaço estão três mesas e cadeiras de madeira, as paredes são da cor bordô, com exposições de fotos nas paredes, fotos essas foram tiradas pelo dono do bar. No mesmo ambiente existem dois televisores onde são exibidos vídeos antigos, raros ou bizzarros, entre eles desenhos como Gato Félix e Bely Boop. Nesse piso há outro espaço, com outro bar, mesas e um sofá de canto, com a mesma decoração do restante do local. Descendo alguns degraus, existe outro espaço com duas mesas grandes com bancos e um banheiro masculino; o banheiro feminino fica ao lado do bar na entrada. A iluminação do bar é de néon, e existe alguns ventiladores pois é um lugar quente e totalmente fechado. O bar fecha por volta das três da manhã, horário delimitado pelo alvará, relativamente cedo para as sextas e sábados.

O valor da entrada no Blues é geralmente R\$10,00 e não existe lista de desconto, a não ser quando se trata de alguma festa específica a ser realizada na *casa*. Recentemente foi inaugurado o *Blues Velvet* em Curitiba, que ainda não teve a oportunidade de conhecer, mas através de fotos percebi que a estrutura e decoração do bar é muito semelhante ao de Florianópolis, algumas festas que ocorrem no *circuito alternativo* que estúdio já ocorreram no *Blues Velvet* de Curitiba.

Em geral o público que frequenta o bar faz parte do *circuito alternativo*, embora nem todas as festas se encaixem no estilo das demais festas do *circuito*, como é o caso das noites de quinta-feira. Nesta noite a atração é um trio de jazz, em outras, a *casa* traz bandas de

rock; é uma das poucas *casas do circuito* que traz bandas hoje em dia. Geralmente as festas do *circuito* ocorrem nas sextas e sábados. Bascada na observação participante, por acompanhar essa *casa* há muitos anos e pelo relato de informantes, acredito que o *Blues Velvet* seja a única *casa do circuito* que pouco se alterou com o passar dos anos. O que meus informantes falam é que o *Blues*, como é chamado pelos frequentadores, é o “velho Blues de sempre”. O público é formado por pessoas mais velhas, sempre acima de vinte anos, do círculo intelectual artístico. Lá sempre se encontra alguém que é permanente do *circuito*, geralmente aquelas pessoas tradicionais que frequentavam o *Galileus* e o *Tulipas*, e outras que frequentam o *circuito* na atualidade; são “figuras carimbadas” nesse meio, e também os gays, desde os mais jovens aos mais velhos, ligados à *cena alternativa* intelectual já mencionada, além de alguns *aleatórios* comuns a todo espaço de sociabilidade urbano. Esse é o público do *Blues Velvet*, que pouco se altera.

Além do público, o estilo musical também segue uma fidelidade, não ocorrendo mudanças significativas de estilo. O estilo de música varia conforme a atração da noite, se é uma festa específica, depende dos DJs que tocam, se é uma banda de rock ou uma noite de jazz, mas os frequentadores sabem o que vão encontrar em cada noite.

O *Blues* também se caracteriza por um local onde existe “balada”, para dançar, e um local para conversar com amigos e beber sem o aspecto parado dos bares. Outras *casas do circuito* não apresentam esse aspecto de entretenimento que não se restringe a dançar. O *Blues* tem uma sala menor que fica isolada da pista de dança, com sofás e várias mesas e cadeiras distribuídas pelos espaços, permitindo então esse outro tipo de prática que não somente dançar. Assim, quem chega mais cedo pode beber, conversar e ver o movimento aumentar. Aos domingos o bar abre, eventualmente, para festas, exposições de fotografia, moda, ilustrações, música, performances, geralmente com o custo de R\$ 5,00. No início desse ano aconteceu uma exibição gratuita de filmes, que iniciava por volta as 19h; após o término do filme iniciava um grupo de jazz e quem ficasse para ver o Jazz, pagava algo em torno de R\$5,00. A *casa* está aberta para eventos, festas, exposições e outros eventos, se tornando assim um ponto de lazer e cultura.

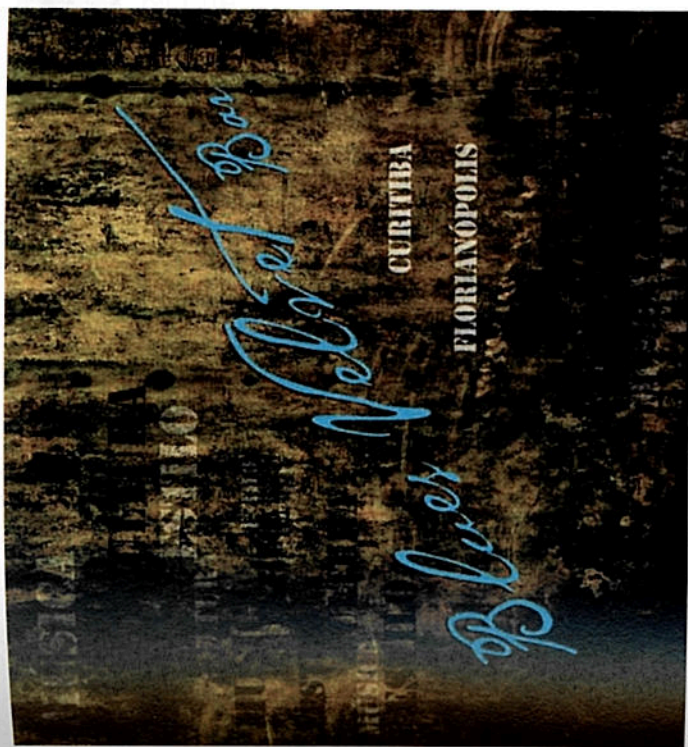


Figura 6. Fôlder do *Blues Velvet Bar*.

Blues Velvet Bar

**APRESENTA
ELES MESMOS
+
OS BARBATANAS**

WWW.BLUEVELVET.COM.BR
INFORMAÇÕES E RESERVAS: 41 3077 11704
TRUJANO REIS S/A - SÃO FRANCISCO - OURTINA

**Dia 07/03 Quinta-feira
\$ 6.00 antes das 00hrs \$ 8 depois**
Chegue cedo! A cara abre as 22:10

Figura 7. Fôlder de divulgação de festa no Blues Velvet Bar.

A Circuit

A *Circuit* localizava-se no centro do bairro da Lagoa da Conceição, em área nobre, fechando alguns meses após o término de meu campo, em meados de maio de 2009.

Entrava-se na *casa* por uma porta grande, onde ficava a *hostess* com a lista de convidados. Quem tinha nome na lista ganhava um ticket que era apresentado no caixa. Ao lado da *hostess* ficavam os caixas, onde se pagava o valor da entrada que variava conforme a festa. Assim como no *Jivago*, na *Circuit* aconteciam outras festas, além das desse circuito *alternativo*. A festa oficial da *Circuit* era a *Mind The Gap*, organizada pelos mesmos DJs da *Plastique*. Eventualmente outras festas ocorriam na *Circuit*, como a *Devassa* e a *Rocket*, frequentadas por esse público *alternativo*. O valor da entrada na *Mind The Gap* era de R\$10,00 com nome na lista e R\$20,00 sem nome. Depois do caixa, havia outra porta que dava no piso térreo, onde ficavam o guarda-volume, um banheiro feminino, o bar, um espaço grande com mesas e cadeiras, e dois *darkroom*, que são salas escuras, com as paredes pretas, dois sofás de veludo e luz de néon, um ambiente mais íntimo, para quem quer se conhecer melhor.

Nesse piso térreo havia outra porta grande que dava para uma escadaria, que levava ao segundo piso. O segundo piso era composto por um banheiro feminino e um masculino, a pista de dança em forma de L, um bar grande, a cabine do Dj e nos cantos da pista haviam sofás e pufes. Era a maior das *casas* desses *circuitos*.



Figura 8. Fôlder divulgação da Festa *Mind The Gap* ocorria na *Circuit*.

2.4 *Cena musical e um pouco de sua trajetória no circuito*

O livro “Jovens na metrópole” (2007), organizado por Magnani, traz uma coletânea de textos etnográficos sobre a sociabilidade jovem na cidade de São Paulo.

Um destes textos da aluna Carolina Abreu intitulado “Galeria Ouro fino: a mais descolada da cidade, descreve um espaço que é marcado pela presença de jovens da *cena eletrônica*. Este estudo traz informações que muito se assemelha com a fala de meus informantes sobre a *cena alternativa* ligada ao *eletro rock* em Florianópolis.

A *cena eletrônica* descrita por Abreu, não é a mesma *cena* do *circuito alternativo* ilhéu, mas me ajudou a pensar sobre aspectos da sociabilidade destes jovens.

Abreu coloca que a preferência por um estilo de música é central para um conjunto de discursos, entre eles discursos estéticos, comportamentais e ideológicos. Estes discursos se expressam no modo de se vestir, portar, relacionar, pelas formas de dançar, nos assuntos de interesse, opiniões, gestualidades, gírias, preferências de consumo etc.

Esses discursos se articulam na *cena musical*, que é construída pelas práticas do *circuito* em questão. (ABREU, 2007). Desta forma a *cena*, não diz respeito apenas a um estilo de música, mas a todos os aspectos que envolve a sociabilidade do seu público. Porém a autora diz que estas *cenar* musicais urbanas, não servem como limites de um grupo.

“As *cenar* referem-se a fronteiras de universos simbólicos, por onde atuam[...]sem necessariamente criarem vínculos permanentes, ou constituírem grupos definitivos.” (ABREU, 2007:159). A autora diz que desta forma, as identidades, tanto individuais quanto coletivas, não são unificadas e singulares e sim multiplicitamente construídas pelos discursos, práticas e posições que não necessitam ser compatíveis, podendo assim, ser antagonicas.

Em conversa informal com um colega, que faz parte do *circuito* há anos, ele me relatou como essa *cena* começou e foi se desenrolando ao longo dos anos. Segundo meu informante, naquela época “a *cena* alternativa era mais underground, de um eletro bem underground e mal

produzido". Bikini Kill e outras bandas eram a referência. Em 2000, o movimento do *eletro* era vanguarda, tornando-se um estilo musical definido e concreto. A partir do momento que o fato se tornou conhecido e atraiu os gostos da maioria, começou a ser comercializado e atingiu outro público, até se tornar banal e se perder, dando espaço a outro movimento que tomou o lugar de vanguarda. Em 2000, a *cena eletro* era específica da festas *alternativas*, era um movimento, mas quando outras pessoas começaram a se interessar por elas, virou um negócio. Meu informante relata que, no início, essas festas eram realizados por um grupo de amigos, que tinham interesse na música eletrônica e queriam tocar aquilo que estava sendo tocado em São Paulo e pelo mundo afora. As festas eram realizadas na casa de alguém, para um número restrito de pessoas, porém foram crescendo até deixarem de ser uma festa de amigos, que compartilhavam um gosto por música eletrônica. Virou um negócio, pelo fato de se mostrarem lucrativas. Foi um processo duplo, os organizadores das festas foram buscando pessoas pra poder bancar os custos com DJs e aparelhagem, entre outros, e as pessoas foram buscando as festas na medida que iam sendo divulgadas no boca a boca. Assim, as festas viraram um negócio lucrativo e não mais só diversão; foram se transformando pois, segundo meu informante, as coisas mudam a todo momento, por diversos motivos, para agradar o público ou porque sempre há necessidade de novidades e de mudanças. Estes jovens produtores das festas, além de se identificarem com este estilo de música, tem a *cena alternativa* como um estilo de vida, quando encontram no lazer sua profissão e sustento.

Como Abreu fala, são eles que "cuidam" da *cena*, além de frequentarem eles mantêm, organizam e controlam de certa forma o que ocorre naquele espaço, como por exemplo a escolha do público através dos meios de divulgação das festas. Então as mudanças ocorridas na *cena* não são apenas reflexo das transformações sociais, mas também de interesses de um determinado grupo de sujeitos.

Meu informante segue dizendo que, no início, essas festas tinham um planejamento; quando saiu de casas particulares, começaram a ser realizadas em locais próprios para um público específico, tinham um planejamento detalhado, completo, sobre público alvo, que era formado por gente mais intelectual, da área das artes, música, cinema; neste

planejamento constava inclusive, o consumo por pessoa etc. Meu informante acredita que hoje isso já não é mais possível pela diversidade de indivíduos que procuram e frequentam as festas. Ele fala também sobre um fato que vem ocorrendo nos últimos meses, que diz respeito a uma mudança no perfil do público alvo de algumas *casas* e festas, mais especificamente a *Plastique* e o *Jivago*, casa noturna em que ocorre a *Plastique*. Segundo ele, um dos motivos que trouxe esse público da elite, não considerado *alternativo*, para as festas foi o fechamento de uma das principais *casas* da elite, Confraria das Artes, e a reforma do El Divino, essas duas *casas* fazendo parte do mesmo *circuito*. Algumas festas da *cena alternativa* ocorreram no Confraria das Artes e, possivelmente, muitos frequentadores foram, gostaram, e acabaram indo para o *Jivago* em busca desse tipo de festa.

Segundo o meu informante, que é DJ e está inserido na *cena* musical, hoje as festas são "clubs", em referência aos clubes; é um lugar onde toca música, mas o tipo de música não importa muito. Existe uma limitação: as músicas estão dentro de uma gama de possibilidades – hoje é o *pop*, *rock*, *eletro*, anos 1980/1990 é um pouco de tudo. As festas ainda são definidas como *eletro*, mas o que toca na maioria delas já não é mais o *eletro*, e o pouco *eletro* que se toca não é aquele mesmo *eletro* do começo, do ano 2000, não é mais um movimento. "Você não paga mais pra ouvir música, você paga pra ver pessoas, ser vista, trepar com alguém no banheiro, falar dos bafos, e a música virou a desculpa principal".

Partindo dos relatos de meu informante e das minhas observações, posso dizer que este *circuito* tem suas raízes na *cena eletrônica*, que na época (por volta de 2000) era o que caracterizava o *alternativo*; conforme a sociedade foi se transformando, essa *cena* foi se transformando também, sempre em oposição ao senso comum. Ou seja, na medida em que aquilo que era *alternativo* começava a ser incorporado pelas outras esferas sociais e se tornava banal, a *cena alternativa* buscava outros elementos para se diferenciar, buscando o diverso, seja musicalmente falando ou em outros aspectos como modos de se vestir e comportamentos valorizados.

2.5 Álcool, drogas e sexo no contexto das festas

O uso de álcool e drogas nessas festas não passa despercebido, principalmente o álcool, que por ser algo "socialmente aceito" (e não criminalizado como outras drogas usadas pelo grupo) não é utilizado às escondidas. Seu uso se mostrou central para pensar as relações estabelecidas entre os indivíduos estudados nesses espaços de sociabilidade jovem.

As drogas ilícitas são consumidas também, mas de forma discreta. No período em que estive em campo ouvi alguns comentários no banheiro sobre o uso dessas drogas e presenciei muitos amigos fazendo uso antes e durante a festa, pelo fato de ser próxima dessas pessoas. Mas nunca presenciei desconhecidos usando drogas, apesar de saber que algumas fazem uso frequente de algumas substâncias ilícitas. Observando a pista de dança, percebi que não saberia dizer quem estava ou não usando drogas. Uma *cena* que presenciei no banheiro foi de duas garotas conversando e uma delas comentando com a outra que "não gosto de tomar ácido pois sempre perco alguma coisa" e que, em uma situação dessas, havia perdido uma bolsa que gostava muito.

Em algumas festas, amigos vieram me contar que haviam tomado um ácido ou usado cocaína. Em um desses episódios, eu estava conversando com uma amiga, quando chegou um outro amigo e nos contou que havia "dado uns tecos", que significa cheirar cocaína; esse amigo nos contou que usou cocaína por não ser algo que ele faz com frequência - apesar de já ter usado a droga antes - e como naquela festa ele estava com um amigo que tinha pó, ele acabou usando junto. A meu ver, ele estava agindo normalmente, talvez um pouco eufórico, mas se não tivesse me contado que fez uso de cocaína, eu não teria notado. Em várias festas, em algum momento, amigos comentaram que havia um *ácido*, às vezes no início da festa, outras vezes no meio pois, como comentam, é algo que "valoriza" no sentido que quase todos fazem uso de alguma substância. Então, quando alguém traz consigo algum tipo de droga, sempre comenta com os outros. Entretanto, nunca percebi uma alteração no comportamento deles, devido o uso de drogas ilícitas.

Recentemente, em uma conversa com um amigo, este me relatou que em determinada festa havia tomado um *ácido*; fiquei surpresa pois

recordo bem que naquela noite eu não havia notado nenhuma alteração em seu comportamento. Já o uso de álcool gera mudanças evidentes, não há como não notar quando uma pessoa está bêbada. A fala fica mais lenta ou difícil de compreender, ou, a pessoa fala demais, a perda de equilíbrio é facilmente notada pois, de vez em quando acontece algum tropeço; o cheiro de álcool é sentido quando a ingestão é alta, a pessoa fica mais desinibida do que de costume. Com isso, não quero dizer que com drogas ilícitas não existam sintomas, mas foram poucas vezes que meus colegas usaram cocaína no contexto das festas, e acredito que por fazerem um uso, de certo modo controlado e nunca em grandes quantidades, as alterações de comportamento são pouco percebidas, até porque muitas delas podem ser confundidas com os sintomas causados pelo uso de álcool em menor quantidade. Quando é usada a cocaína, esse uso é feito durante toda a festa, e o local utilizado para isto são os banheiros. Quando é possível, entra mais de uma pessoa na mesma cabine do banheiro, caso contrário entra uma pessoa por vez. Existem algumas festas em que não há um controle, uma fiscalização na entrada do banheiro. Nesses locais é possível entrar mais de uma pessoa na mesma cabine. Quando possível, o uso de cocaína é feito de forma coletiva, pela facilidade, sendo que é mais fácil abrir uma *bucha de pó* e pegar a quantidade certa número de pessoas vai usar uma única vez, do que entrar uma pessoa por vez, tendo que realizar o procedimento individualmente. Geralmente o número de pessoas que fazem uso da droga juntos varia de duas a três pessoas, mesmo porque os banheiros não comportam mais que três pessoas na mesma cabine, algumas, no máximo, duas pessoas apertadas. Desta forma, nas festas em que existem seguranças ou qualquer fiscalização na entrada dos banheiros, fica difícil entrar acompanhado, assim entra uma pessoa por vez, usa a droga e sai, passando a bucha de cocaína para um segundo que fará o mesmo procedimento. Quando são garotos e garotas fica mais difícil conseguir usar a droga coletivamente, mas é possível, nas *casas* em que não existe essa fiscalização nos banheiros. Um amigo me relatou que em uma *Devassa* que ocorreu no *Iate Casa Blanca* no ano de 2007, ele e uma amiga entraram no banheiro masculino para usar cocaína; quando já estavam dentro da cabine, prontos para cheirar a droga, um segurança bateu na porta da cabine pedindo que eles saíssem. Eles saíram e nada

ocorreu, mas meu amigo me relatou que ficou surpreso, pois a *Devassa* era uma festa onde os banheiros sempre foram unissex, apesar de existir um banheiro para cada sexo. Ele não soube responder o motivo pelo qual o segurança teve aquela atitude, se foi porque desconfiou do uso de drogas ou porque achou que eles poderiam estar fazendo sexo no banheiro. Mas foi um ato que causou espanto a ele, por não ser esperado.

Já o uso do ácido é feito geralmente antes de entrar na festa ou no momento em que se entra, pelo fato dessa substância demorar a fazer efeito, tempo que varia conforme a substância e o organismo da pessoa; o tempo estimado por meus interlocutores é de uma a duas horas para iniciar os efeitos no organismo; depois que a droga *bateu*, seu efeito pode durar de quatro a oito horas ou mais, dependendo da quantidade ingerida e do tipo de substância. O ácido é vendido em pedaços de papel, de aproximadamente meio centímetro quadrado, de onde vem um de seus codinomes, *quadradão*. Deste modo ele pode ser ingerido inteiro ou em partes, geralmente segue a uma sequência de inteiro, meio, ou $\frac{1}{4}$. A maioria de meus informantes relataram tomar $\frac{1}{4}$ para irem as festas, pelo fato do efeito não ser tão forte. Os sintomas, ao usar uma quantidade pequena, são felicidade, bem estar, vontade de rir, não causando visões, alucinações nem deixam a pessoa fora da realidade. Desta forma eles conseguem interagir com o meio e com os demais sujeitos.

Meus informante me relataram que geralmente não fazem uso de maconha para ir às festas, pelo fato dessa substância ter efeitos de sonolência e relaxamento, que são contrários do que se espera para curtir uma festa. Por isso dão prioridade ao álcool, cocaína e ácido deixando o cigarro de maconha para o fim da festa, quando a intenção é diminuir a agitação. O uso da maconha é um dos fatores que os impedem muitos de ir a várias festas, pois se eles usam antes de sair de casa, acabam não saindo. Desse modo, quando querem sair, evitam o uso de maconha algumas horas antes da preparação para as festas, optando pelo álcool e, em casos raros, a cocaína, deixando para fumar quando retornam da festa, já em casa, para dormir.

Todos os meus informantes relataram que bebem nas festas, e classificaram sua forma de beber como de "nível médio" a "alto".

Segundo eles "nível médio" é quando a pessoa sente alterações no corpo pelo uso de álcool, alterações que podem ser mínimas. O importante é que se perceba que não está no estado sóbrio. O "nível alto" é entendido como beber a ponto de embriagar-se totalmente e até passar mal ou perder a consciência. Em geral isso aparece nos discursos como "não lembrar nada" no dia seguinte ou fazer coisas das quais não faria em estado normal. Quando possível, todos fazem o *esquentar*, que é beber com amigos em casa ou em algum bar barato, antes, pois existe um desejo de alterar a consciência antes de se dirigir para as festas, com o fim de se divertir nesses espaços de sociabilidade. A razão desses *esquentas* é já chegar bêbado e não precisar gastar para beber nas festas, sendo que nas *casas* estudadas as bebidas são mais caras que nos bares.

Em função disso, resolvi pensar um pouco mais nessa relação com o álcool, para compreender qual o papel do álcool nesse meio e para esses jovens e em que medida ele se relaciona com as práticas afetivo sexuais.

CAPÍTULO III

3.1 Situando os sujeitos da pesquisa

Em primeiro lugar é importante compreender que o cenário que analiso, ou seja, o *circuito das festas alternativas*, é composto por diversos atores em constante transformação.

Sendo assim, são muitos os sujeitos que circulam nesse espaço, espaços que também não são fixos, sujeitos heterogêneos, que compartilham, em diferentes níveis, diversas características, que aproximando e se afastando conforme o aspecto observados, sempre se importante ainda, conforme quem observa. Em conversas com meus informantes, percebi claramente as diferenças de compreensão dos sujeitos e do próprio *circuito*, a partir do lugar em que o observador se encontra.

Segundo Stuart Hall, a teoria social vem discutindo exaustivamente a questão da identidade nas sociedades modernas, pois as antigas identidades que, por muito tempo, estabilizaram o mundo social estão em declínio e novas estão surgindo, fragmentando o indivíduo moderno, que até então era visto como um sujeito unificado (HALL, 2002). Para falar da fragmentação do sujeito moderno, Hall inicia seu texto mostrando três concepções de identidade. A primeira seria a do Iluminismo, que acreditava em um sujeito centrado, unificado, idêntico a si mesmo, que nascia com um núcleo interior e permanecia mesmo por toda vida. Esse centro do Eu era a identidade, sendo uma concepção individualista. A segunda, é de um sujeito sociológico, que refletia a complexidade do mundo moderno, onde o núcleo interior do sujeito era formado em relação ao outro, às pessoas importantes para aquele sujeito, que para ele mediavam os valores, símbolos e sentidos. Assim “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2002:11). O sujeito mantém o seu núcleo interior, que é o seu estabelecido com o mundo exterior, com a cultura, e com as identidades que esse mundo lhe oferece. Assim a identidade liga, costura o sujeito à estrutura. O que Hall coloca é que são essas coisas que estão mudando, o sujeito antes unificado, estável, agora “está se tornando fragmentado,

composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2002: 12).

O processo de mudanças estruturais e institucionais produz o sujeito pós moderno, que não tem uma única identidade, fixa, essencial ou permanente. A identidade passa a ser formada e transformada constantemente, conforme nossa relação com o mundo. Um indivíduo pode assumir diversas identidades em diferentes momentos; a identidade passa a ser definida historicamente e não mais biologicamente. (HALL, 2002). Esse autor fala da importância de pensar sobre a mudança na modernidade tardia, principalmente sobre o processo de globalização e o impacto que isso tem sobre a identidade cultural. Diz que a principal diferença entre as sociedades tradicionais e as modernas, é que as sociedades modernas são marcadas pelas rápidas transformações, constantes e permanentes. Ela está sendo descentrada a todo instante, não tendo mais um núcleo central, mas sim várias identidades em seu centro. Na prática, isso quer dizer que um sujeito não é definido por um núcleo fixo, mas é constituído por diversas identidades, podendo ser elas, identidades sexuais, políticas, religiosas, que estão em constante formação e transformação, mudando conforme a sociedade muda e o indivíduo se identifica com novos símbolos. Assim um sujeito pode pertencer a diversos grupos sociais ao mesmo tempo, mesmo sendo contraditórios.

Desse modo os sujeitos que investigo em meu trabalho estão dentro deste contexto, das sociedades modernas e da fragmentação dos sujeitos, apresentando diversas identidades que estão sempre se transformando.

Para poder compreender esse grupo tão fragmentado, os classifiquei inicialmente em três grupos que identifiquei nas observações que fiz, sendo que após o término do campo surgiu um quarto grupo, que julguei necessário inserir, para melhor entender as transformações no *circuito*, de como ele se mantém, se reestrutura, se difere. Esta primeira classificação tem a ver com o lugar que o sujeito ocupa dentro do *circuito*, baseando-se mais no reconhecimento dele pelos demais sujeitos. Deste modo, temos neste universo os sujeitos que classifico como *permanentes*, *recentes*, *aleatórios* e *boys*; os *permanentes* e *recentes* fazem parte do público alvo, sendo mínimos os aspectos que os

diferenciam, como idade, tempo de permanência no *circuito* e algumas diferenças no estilo de vida.

3.1.2 Os *Permanentes* - "os de sempre"

Os *permanentes* são um grupo formando por alguns sujeitos específicos, presentes no *circuito* há muitos anos, desde o início da *cena*, quando ela era voltada ao *elektro-rock* e *indie-rock*. Muitos deles são DJs, produtores, pessoas relacionadas com o meio artístico, da moda e da música. Uma característica deste grupo é que quase a totalidade de seus integrantes se conhece ou pelo menos se reconhece entre si. São chamados por muitos de meus informantes como *os de sempre*; esse grupo também apresenta suas subdivisões, entre os mais antigos e os mais novos no meio, os de maior e menor visibilidade. É formado, principalmente, por pessoas que acompanham a *cena elektro-rock alternativa* de Florianópolis desde seu início, sendo alguns dos seus idealizadores e produtores. A maioria dos sujeitos tem entre 25 e 35 anos, são oriundos de Florianópolis ou residem aqui desde a adolescência. Moram sozinhos, com amigos ou conjuges, e quase a totalidade tem independência financeira pelo menos parcial¹⁰, por já terem concluído a graduação e estarem inseridos no mercado de trabalho. As áreas profissionais em que estes sujeitos atuam são, na grande maioria, no âmbito das artes. São artistas plásticos, atores, produtores de cinema, teatro, jornalistas, designers, estilistas, músicos, produtores de eventos, tradutores, entre outros. Referente às suas práticas afetivo sexuais, pode-se dizer que entre os *permanentes* existe uma grande variedade de sujeitos, heterossexuais e homossexuais. Há um grupo que se identifica como hétero mas que já tiveram experiências homossexuais e outro, dos que se identificam como homossexuais que já tiveram e têm, eventualmente, experiências heterossexuais. Alguns sujeitos namoram monogamicamente, outros são casados, solteiros e nas festas beijam diversas pessoas na mesma noite ou não,

10

Independência financeira parcial é quando um sujeito não tem uma independência financeira total, sendo que pode necessitar do auxílio financeiro de pais ou parentes em determinadas situações como forma de complementar a renda.

sendo que nem todos os sujeitos tem as mesmas práticas afetivo sexuais, pois estas variam, não são fixas nem pré determinadas.

No interior deste grupo, existe um subgrupo, que é identificado pelos demais sujeitos do *circuito* como *hypes*, aqueles que, segundo vários informantes, "são alguém na noite". É importante esclarecer que não conheço ninguém que se auto defina como *hype*. Trata-se sempre de uma categoria utilizada pelos outros, aqueles que não se consideram como tal. Um informante me disse "nunca vi ninguém dizer que é *hype*, geralmente se diz que alguém é *hype* para ironizar, mas é como ser famoso, ninguém vai dizer que é famoso, mas gosta de ser".

Em inglês a palavra *hype* significa, "aquele que está por cima da onda", e geralmente é relacionado ao mundo da moda e à *cena elektro-rock*, mais especificamente aos "moderninhos de balada elektro rock" segundo um informante; outro, relacionou o *hype* à moda e determinado comportamento. "*Hype* não é estar na moda mas à frente dela, lançar tendências, o *hype* não é o que está em alta, mas o que vai estar em alta. Legal é ser o primeiro, depois que já se tornou comum não é mais *hype*".

Compreendo o termo *hype* como tendo duas formas de uso, uma, como um termo geral vinculado ao universo do *elektro-rock* e da moda para se referir a determinados comportamentos, que é o significado do dicionário: "estar por cima da onda". Outro, no uso como categoria nativa, que tem um significado particular, restrito ao *circuito alternativo* de Florianópolis, por ser usado pelos sujeitos desse *circuito*, e dizem respeito a sujeitos específicos. Deste modo uso em meu trabalho o termo *hype* como categoria nativa, com o sentido delimitado acima.

Assim, percebo a relação do *hype* com o *alternativo*, pois a característica do que é *alternativo* é justamente ser "diferente do senso comum", ser "o primeiro". A partir do momento que algo considerado *alternativo* é apropriado pelos demais sujeitos de um determinado grupo social, o que era considerado *alternativo* o deixa de ser, e os sujeitos buscam outros elementos para se diferenciar, mantendo a "identidade alternativa".

Traduzindo para a *cena alternativa* de Florianópolis, *hype* são aqueles sujeitos populares, "famosinhos", que todo mundo conhece dentro do *circuito*. No *circuito* ilhéu, quem é *hype* faz parte de um determinado grupo de sujeitos, que se situa dentro do grupo dos

permanentes e que é formado pelos produtores (donos) das festas e seus amigos mais próximos. O que define se um sujeito é *hype* é o pertencimento a este grupo associado às demais características que esse grupo apresenta, que é algo variável. As características associadas ao *hype* são de coisas efêmeras, que estão em constante transformação. Para ser *hype* é necessário ser considerado vanguarda pelos demais sujeitos do grupo. O próprio *hype* pode ser considerado então um movimento de vanguarda dentro da *cena eletro-rock* e da moda. Segundo um informante, “a moda e a música estão diretamente relacionados entre si; assim como a moda interfere no mundo da música, a música interfere no mundo da moda”, e o termo *hype* demonstra isso na medida em que é utilizado nesses dois universos, da moda e da *cena eletro rock*. Universos que se caracterizam por uma forma específica de se vestir, diretamente relacionada com as tendências da moda.

Em termos de comportamento e *visual*, é impossível descrever o *hype*, a não ser com base em um tempo específico. Deste modo descrevo as características deste subgrupo no período em que estive em campo.

Os sujeitos considerados *hype* fazem parte de um subgrupo específico de sujeitos, que tem como figura central os produtores das festas. A forma como estes se vestem está relacionada ao universo *alternativo*, ou seja, sempre se difere do senso comum, sendo que mesmo no interior de um *circuito alternativo* existe o senso comum do *circuito*, e os *hypes* vão se distanciar destes. Podem ser considerados então, os *alternativos* dos *alternativos*. Durante minha pesquisa de campo, a forma de se vestir dos *hypes* era um misto de estilos. Creio que o termo mais apropriado para defini-los seria *pastiche*¹¹, que é um misto de vários estilos, movimentos. Enfim, é compor algo novo usando partes de elementos já conhecidos, uma mistura desses estilos. O que melhor define a forma desses sujeitos se vestirem, durante meu campo, foi a base na tendência atual da moda associada a outros elementos que os singularizam, que os diferem dos demais sujeitos, podendo ser elementos de outras modas passadas, como peças dos anos 1970/1980

11

Pastiche segundo uma informante é um termo utilizado na literatura e na arte que remete a uma mistura de vários artistas, composição feita a partir da colagem, montagem de diferentes estilos.

ou 1990, associados às principais tendências atuais. Para ser considerado tendência, deve ser algo a que poucos tem acesso, e que somente eles usam antes de virar moda. Por exemplo: se é uma tendência usar calça *skinny*, que é uma calça justa ao corpo em todo comprimento, os *hypes* vão usá-la e quando estiver na moda, mas elas serão de um tecido diferente das calças comuns, usadas pelos demais sujeitos, e a composição do visual terá outros elementos que os diferenciara do utilizado pelos outros.

Assim, ser *hype* está associado, neste *circuito*, ao “moderno” porém vejo uma diferença entre ser *hype* e apenas “ser moderno”. Observo que dentro da *cena* em geral, qualquer sujeito pode ser moderno, sendo ele *aleatório*, ou permanente, mas para ser *hype* não basta ser moderno, tem que pertencer a esse universo restrito. O fato de ser moderno e bem relacionado pode ser a porta de entrada ao mundo *hype*.

3.1.3 Os Aleatórios

Utilizo a categoria nativa *aleatórios* para identificar todos os sujeitos que frequentam alguma festa do *circuito*, porém não se encaixam no perfil do público alvo das festas, que são os *permanentes* e os *recentes*. São eles sujeitos de outros *circuitos*, que esporadicamente frequentam algum espaço do *circuito alternativo*, turistas, que em época de férias são atraídos para alguma casa que faz parte do *circuito*, ou simplesmente aqueles sujeitos que estão indo a estas festas pela primeira vez por diversas razões: por serem gays, por quererem conhecer novos lugares, porque um amigo que frequenta o convidou. O que torna esses sujeitos *aleatórios* é o fato de não compartilharem das mesmas características do público alvo, e não serem reconhecidos por eles como membro do público. Podem compartilhar de alguns aspectos desse grupo, como por exemplo, as práticas sexuais homoafetivas, mas de um modo geral não faz com que pertençam àquele grupo. Entre os *aleatórios* existem diversos tipos de sujeitos, gays, heterossexuais, sujeitos mais velhos, casais e solteiros, pessoas de outros *circuitos* em geral, que estão naquele espaço de sociabilidade por alguma razão, mas que não pertencem ao público alvo. São pessoas que sempre circularam nesses espaços sem problemas, não havendo uma grande recusa à

presença deles, muitos nem são percebidos. A fala de uma informante demonstra essa situação: “conheci uma garota no banheiro, e comecei a conversar com ela, ela me disse que sempre estava na *Plastique*, toda semana, e naquela época eu também ia toda semana, mas nunca tinha visto ela na vida. Depois daquele dia comecei a encontrá-la sempre, mas mesmo assim, ela é tão discreta, que mal se percebe a sua presença, mas uma festa”. Essa garota a qual minha informante se refere, mas aproximadamente 30 anos, é formada em educação física e trabalha em área, frequenta outros circuitos de festas, voltadas ao eletrônico e frequenta a *Plastique* por conhecer uma das produtoras da festa, mas não tem amizades com os demais sujeitos que frequentam. Ela se veste de forma casual, calça jeans, camiseta ou blusa regata e sandália rasteira ou tênis, sem acessórios e peças que estão na moda. Outro exemplo pode ser o de um sujeito que é gay e frequenta o *Jivago* nos dias que tem festas direcionadas a esse público, porém resolve conhecer as outras festas realizadas na casa e vai a uma *Plastique*, na quinta-feira. Porém ele não é estudante, não tem influência da cena indie ou alternativa e não conhece os demais sujeitos desse circuito. Ele simplesmente frequenta determinada festa por ser um espaço onde sua prática afetivo sexual não é discriminada e por gostar, começa a frequentar esta e outras festas esporadicamente. Ele frequenta o circuito ou parte dele, mas não é reconhecido pelos demais sujeitos como integrante do circuito, por isso é um aleatório.

Nos últimos meses de minha pesquisa, em 2010, observei que a cena ganhou novos integrantes, muitos deles oriundos de outras cenas, como as *patricinhas* e *boys*, termo que ouvi de meus informantes para falar daqueles sujeitos que frequentam circuitos considerados de elite, das classes dominantes. No início da pesquisa de campo, em 2009, a presença desses sujeitos era quase insignificante, por isso os encaixava nos aleatórios, mas hoje em dia, segundo relatos de informantes, amigos e até pelas poucas vezes que frequentei alguma festa, percebi que esse público vem cada vez mais se apropriando dos espaços do circuito, sendo necessário, então, criar mais um subgrupo dentro do grupo dos frequentadores das festas. Desse modo irei inseri-los e fazer uma breve análise destes sujeitos dentro do contexto das festas alternativas.

3.1.4 Boys e patys – Os de fora

Esse grupo é formado por sujeitos que frequentavam as ditas “festas da elite tradicional” em Florianópolis, mais especificamente casas noturnas como El Divino e Confraria das Artes. Em sua maioria fazem parte de uma cultura que não é a alternativa. São jovens das classes dominantes e que compartilham a visão de mundo desta classe. São jovens universitários, fazem cursos em diversas áreas, como saúde, odontologia, educação física, as engenharias, contábeis e administração. Abreu fala em seu trabalho sobre a presença de *boys* e *patys*, nas festas de música eletrônica em São Paulo, sendo que esses jovens não fazem parte do perfil dos jovens dessa cena. Isso demonstra que está categoria não é usada apenas pelos meus informantes, mas é uma categoria compartilhada por diversos grupos sociais e que as cenas não são limites e sim fronteiras no universo de sociabilidade desses jovens.

Alguns informantes formularam hipóteses para a migração desse público de um circuito frequentado pela elite para um circuito considerado alternativo. A explicação que me deram, engloba vários fatores. Um primeiro fator diz respeito ao *Jivago* ter ganhado um título pela revista *Veja* de “melhor balada para se dançar na noite de Florianópolis”, o que atraiu turistas e um determinado grupo que lê essa revista, considerada pelo grupo estudado como “de senso comum” da elite dominante. Um segundo fator diz respeito ao fato de duas casas do circuito *boy* estarem desativadas por um período: o El Divino fechou para reforma no segundo semestre de 2009 e a Confraria das Artes fechou as portas no mesmo período. Assim, esse público ficou sem suas principais casas e migraram para o *Jivago*. Ao frequentarem o *Jivago*, devem ter gostado, pelas práticas que ali ocorrem, pela música entre outros fatores, tomaram como referência os DJs que ali tocam, e passaram a frequentar outras casas onde esses mesmos DJs também tocam, descobrindo o circuito e trazendo cada vez mais sujeitos para esse meio. Um detalhe importante e que propiciou a entrada desses sujeitos nas casas da cena alternativa, foi o fato de algumas casas desse circuito estarem em constante transformação, talvez para atrair um maior número de frequentadores, pois não deixa de ser um negócio. O *Jivago*, por exemplo, é uma casa que, apesar de abrigar o público alternativo, toca um estilo de música que já não tem mais a ver com

aquele *eletro-rock underground* que meu informante relatou ser a base desse *circuito*, mas durante meu campo ainda maninha alguns códigos e símbolos do universo *alternativo*.

Porém, o estilo de música que se tem hoje no *Jivago* é totalmente voltado a uma *cultura pop*. A *cultura pop* é definida como a cultura da massa, que hoje em dia é determinada pela indústria que distribui o material cultural, através da música, cinema, arte. Essa indústria cultural é a indústria da qual os *indies* tentam se afastar. Porém o que observei é que essa valorização da *cultura pop* dentro da *cena alternativa* no início tinha um ar de ironia, de deboche, não era levado a sério, pelos jovens *alternativos*. Quando os sujeitos, que tem uma visão de mundo influenciada pela *cultura pop* passam a ver essa cultura musical no *Jivago*, eles se identificam e passam a frequentá-lo, com outro propósito, e tomando o espaço que antes era específico dos jovens *alternativos*. O que observo e ouço de meus informantes, é que o *Jivago* hoje em dia “foi dominado” por esses sujeitos, porém outras *casas* não. Eles dizem que “O Blues Velvet é resistente, não se deixa invadir tão fácil”. O 1007 principal *casa*, substituindo o *Jivago*, que continua sendo parte do *circuito*, mas não mais a *casa* principal, pois o público recente do *circuito* está dando preferência para as demais *casas* e festas. Porém, segundo relatos recentes de meus informantes, o 1007 também está sendo “dominado” por jovens que antes não frequentavam este *circuito*, “hoje em dia não dá mais para ir nas festas, estão todas lotadas...tenho vários conhecidos que me julgavam por eu ir nas festas que eles chamavam de festas gays e hoje eles estão indo nestas festas”. Esta fala de uma informante demonstra essa rápida transformação que o *circuito* vem sofrendo com a inserção de jovens pertencentes a outras *cenar*.

3.2 Os jovens estudados

Detenho-me, agora, na descrição do meu objeto de estudo que são os jovens das festas, que fazem parte das gerações mais recentes. São, em sua maioria, jovens de 20 a 26 anos, estudantes das universidades públicas de Florianópolis, que estudam em cursos da área das artes, comunicação, letras, humanas como artes visuais, cênicas, cinema, moda, design, jornalismo, letras, psicologia, entre outros, as mesmas

áreas onde os jovens *permanentes* atuam hoje em dia. Pelo fato de Florianópolis possuir duas universidades públicas, a cidade atrai muitos jovens de outras cidades e estados, se configurando como um cidade universitária. A maioria desses jovens universitários são oriundos de outras cidades do estado e até de outros estados do país, sendo uma parcela menor aqueles nascidos em Florianópolis. Por serem estudantes e de outras cidades, muitos desses jovens moram sozinhos, com amigos ou em repúblicas, sem a presença de pais ou familiares. Em geral, recebem mesada dos pais e a maioria não desenvolve atividades remuneradas fora do âmbito universitário. Muitos têm bolsas de pesquisa, iniciação científica, projetos de extensão vinculados à atividade acadêmica, mas estas não representam a fonte principal de renda desses jovens. Eles são, em sua maioria, brancos, de classe média e média-alta, oriundos de famílias tradicionais, filhos de servidores públicos, comerciantes, professores, engenheiros, dentistas, advogados entre outros profissionais que tem formação em nível superior. Suas atividades de lazer são as festas do *circuito alternativo*, festas na universidade, oferecidas pelos cursos dos quais fazem parte, bares próximos à universidade, locais frequentados por uma parcela de jovens intelectuais, cineclubes do *circuito cult*, teatro, festas na casa de amigos onde conversam, ouvem música e bebem, fumam e usam drogas. Os temas de maior interesse desse grupo são relacionados a artes, cinema, literatura, filosofia, música. Ouvem bandas *alternativas*, de gravadoras independentes, experimentais, que não fazem parte do *mainstream*¹². O que os difere dos sujeitos do grupo dos *permanentes*, é que são mais novos, a maioria ainda universitários, não apresentam independência financeira e não frequentam a *cena* desde seu início, sendo que a maioria foi inserida neste quando ele já não era uma *cena* tão *underground*, do *eletro-rock*, mas na transição do *indie* para o que é hoje. A maioria desses jovens foram atraídos para o *circuito* pela música, que ainda era muito voltada ao *indie-rock* e seus semelhantes. O *indie-rock*, segundo meus informantes, é a abreviação do termo inglês independent rock que

12

Em português se refere ao pensamento corrente da maioria da população, seu uso é relacionado as arte em geral, literatura, música. Nesta último campo, destaco o gosto pelo rock, *indierock*, *hardcore*, música popular brasileira, jazz, blues, clássica, entre outras, sempre se afastando dos gostos da massa.

significa em português o rock independente. O *indie-rock* foi um movimento que ocorreu tanto no Reino Unido como nos Estados Unidos. No Reino Unido o *indie* teve início nos anos 80 e era utilizado para identificar as bandas lançadas por pequenas gravadoras, que ganharam popularidade, sendo lançadas então por grandes gravadoras, sem perder sua identidade quanto ao estilo musical, que tem sua raiz nas vertentes do *punk*. Nos Estados Unidos a música denominada *indie-rock* descende da *cena do rock alternativo* influenciado pelo *punk rock* e *hard core* dos anos 70 e 80; na metade dos anos 90, algumas bandas da *cena alternativa* ganharam a massa e foram lançadas por grandes gravadoras, se tornando bandas comerciais. A partir disso, o *indie-rock* passou a denominar aquelas bandas que permaneciam fiéis à *cena alternativa underground*. Essa breve contextualização do *indie* mostra essa relação entre o *alternativo* que se populariza virando um produto, uma marca e o *alternativo* que se mantém dentro de uma *cultura underground*.

Através das entrevistas realizadas observei que esse grupo demonstra interesse pelo que é *alternativo*, em seu sentido *underground*, já comentado, em oposição ao que é tradicional, voltado à grande massa. Na literatura, segundo relatos de vários informantes, eles se identificam com os escritores da geração Beatnik como Jack Kerouac e Alan Ginsberg, importantes representantes do movimento da “*Contra cultura*” que influenciaram várias subculturas como *hippies* e *punks*. Também demonstram apreço às obras de importantes pensadores como Foucault, Bataille, Deleuze, Sartre, entre outros, temas recorrentes em suas conversas.

No cinema *alternativo* apreciam filmes de movimentos do cinema mundial como a Nouvelle Vague, Neorealismo, Dogma 95, Novo cinema e cinema marginal no Brasil, tendo como referência nomes como Godard, Fellini, Lynch, Almodóvar, Lars Von Trier, Truffaut, Tarantino, Kubrick, Coppola e muitos outros.

Nas conversas entre amigos, em bares ou festas em casa que observei, os temas que aparecem com frequência tratam dos filmes que foram vistos, de livros e ideias de autores, dos novos álbuns de bandas assim como das novas bandas em um nível de análise da qualidade dos arranjos, letras, propostas.

Em minhas observações, foram frequentes as questões voltadas à sexualidade. Estas questões se mostraram muitas vezes presentes através da discussão sobre alguns comportamentos de colegas ou a própria natureza das relações humanas nos seus diversos aspectos biopsicossociais. São jovens que tem uma visão de mundo diferente do que eles denominam tradicionais, que questionam as práticas, morais e valores dominantes da sociedade.

Apesar de serem *alternativos*, eles se diferem daqueles jovens alternativos dos anos 60, da contracultura. Não têm como emblema a negação ao consumo nem uma vida desapegada dos bens materiais, o que não quer dizer que sejam consumidores inconscientes ou que apreciem marcas. Mas no geral se vestem bem, tem uma vida confortável, compram seus objetos de interesse como livros, CDs, filmes, roupas, instrumentos musicais, drogas, festas e viagens. Muitos já viajaram pela América Latina, principalmente Argentina e também Estados Unidos e Europa. Alguns a lazer, outros a estudo, através da universidade que propicia a eles essa experiência de aprendizagem, que lhes abre os campos de conhecimento e seu olhar sobre as coisas. Aqueles que não viajaram para o exterior ainda têm isto como meta, em algum momento da vida, acadêmica e profissional. São jovens que valorizam a formação universitária, que pretendem construir uma profissão que exige essa formação, independente da área escolhida.

Sobre o futuro, esses jovens se veem trilhando caminhos um pouco diferente de seus pais, a construção de uma família é algo para se pensar no futuro e foge aos moldes tradicionais; muitos não pensam em se casar na igreja ou no civil e sim morar junto. Filhos não estão nos planos a curtos e médios prazos, sendo que muitos não sabem se irão realmente ter filhos um dia. Antes de constituir uma família querem sua independência financeira e solidez profissional, viajar, conhecer diversas culturas e lugares. Não têm como objetivo de vida a formação de uma família; não que isso não represente um desejo para o futuro, mas não é o que guia seus atos e intenções nesse momento da vida.

Valorizam a diversidade de experiências e o meio intelectual, *alternativo* que se afasta do senso comum e do tradicional, daquilo que é imposto socialmente ou valorizado sem um senso crítico. Primeiramente o que me chamou atenção para este grupo, foram as

práticas afetivo sexuais no contexto das festas *alternativas*. Muitos desses jovens são heterossexuais, sendo que alguns são homossexuais, porém, observo que as práticas desses jovens não condizem com a identidade sexual pela qual se definem. Muitos jovens que se dizem heterossexuais, no contexto das festas têm experiências homoafetivas, alguns apenas uma ou duas vezes, outros diversas vezes, mas quase exclusivamente neste contexto. Outra prática comum neste contexto é ficar com várias pessoas na mesma noite, de ambos os sexos, e também dar beijo a três, com pessoas conhecidas, amigos e até estranhos. Então, esses sujeitos tem essa característica que os difere de outros jovens, não frequentam esse *círculo alternativo*, eles se permitem a novas experiências afetivo sexuais, que talvez diga respeito à visão de mundo que têm, mais aberta a novas experiências, que se difere do tradicional, das normas sociais dominantes, dos padrões de conduta. Eles fazem parte de um grupo *alternativo* que busca a diferença em diversos aspectos da vida social, incluindo a vida íntima afetivo sexual. No capítulo dedicado a essas experiências, irei analisar essas práticas a partir das observações em campo e das entrevistas feitas com meus informantes.

3.3 Modos de se vestir

Esse mundo *alternativo* que os cerca também se manifesta no que o grupo denomina de *visual*, que é a forma de vestir, cortar o cabelo e outras intervenções sobre o corpo, representa a comunicação estabelecida entre o sujeito e o mundo. O visual representa a primeira impressão que se tem das coisas, é uma primeira impressão que se tem de sujeitos desconhecidos que nos faz criar os pré-conceitos que estes e classificá-los dentro dos grupos que re-conhecemos em nossa sociedade.

Descobri algumas categorias nas quais consegui agrupar os sujeitos, com base nas diferentes formas de se vestir, referindo os principais pontos em comum que os aproximam e os distanciam. Os grupos que identifiquei foram:

Indies - O visual *indie* tem suas raízes no rock britânico e movimento punk. Está relacionado ao *alternativo*, *vintage*¹³, aos anos 1950, 1960 e 1980, e aspectos da cultura *alternativa*. O modo de se vestir pode ser descrito por um conjunto de elementos como calça *skinny*¹⁴, roupas com estampas em xadrez, listrada, predominando as combinações bi cores, como preto e branco por exemplo.

Estampas de bandas do rock independente e de elementos da cultura *alternativa* ao qual estes sujeitos estão associados, também fazem parte do *visual* deste grupo. Esta cultura *alternativa* se contrapõem a *cultura pop*.

Os cortes de cabelos também são uma marca do grupo, como o corte *playmobil*, que se assemelha ao famoso boneco dos anos 1980, ou então os cortes *argentinos*, em referência a um corte comum entre os argentinos, tanto para homens como para as mulheres.

O uso de alargadores nas orelhas e piercings pelo corpo e rosto é uma marca desse grupo.

Tênis All Star, Vans e similares, óculos modelos retrô, tanto de grau quanto de sol, como os modelos dos anos 1950/1960/1980. Cachecol no inverno. Uma forma de se vestir que não valoriza as tendências da moda, um visual mais *alternativo*, *underground*, ligado a *cena indie-rock*. Um exemplo de manequim unissex bastante comum poderia ser uma calça *skinny* preta, com um tênis All star, uma camiseta branca sem estampa e uma camisa de estampa xadrez por cima. Esse estilo não apresenta diferenças entre homens e mulheres, a não ser pelo uso de vestidos e saias entre as mulheres, e pelo uso de sapatilhas entre as mulheres, além dos tênis já citados.

Moderninhos - Este modo de vestir mistura diversos elementos como as tendências da moda, com peças de brechó, cores bem vivas como azul royal, amarelo, verde, laranja, vermelho ou o básico preto e

13

Vintage é um termo da moda. A moda *vintage* é retrograda e recupera os estilos dos anos 1920 ao 1960.

14

Calça *skinny* tem um corte justo ao corpo em todo seu comprimento, desde a cintura até a canela. Em inglês *skin* significa pele, *skinny* faz referência a uma segunda pele, algo rente, colado ao corpo.

branco. Formas geométricas, ao invés das listras e do xadrez. Pastiche de estilos, dos anos 1970/80/90 e das tendências atuais.

Sempre com um toque *vintage* e atual, essa mistura do antigo com o novo, faz sempre uma releitura e insere toques da individualidade de cada sujeito, usando a criatividade. Exemplo de manequins: calça skinny de veludo preto, com uma sandália bota de salto alto azul, uma camiseta com estampa geométrica colorida e um colete curto com corte moderno cheio de tachas e bolsa de brechó anos 1980 verde. É uma mistura de vários elementos atuais e antigos, de brechó ou retrô que compõem um visual que se difere do senso comum, pois implica na criação por parte de quem o usa, não é um conjunto de peças que se encontra em uma loja pronto na vitrine. Esse é um estilo que representa muitos dos sujeitos que compõem o grupo estudado. O *hype* está inserido dentro dos modernos, nesta *cena*. Este estilo também não apresenta diferença para os homens e mulheres, sendo que na *cena alternativa* muitos homens se destacam pela forma *moderna* e *estilosa* de se vestir. Não são apenas as roupas deste grupo que chama atenção, mas os cortes de cabelo também. Cortes que se diferem dos cabelos "normais", dos cabelos comuns, do senso comum da maioria da população. São cortes disformes, partes da cabeça raspada e outras partes com o cabelo longo, franjas e cabelos assimétricos.

Aleatórios - São aqueles cujos modos de se vestir não se encaixam nos tipos ideais do grupo estudado, ou seja, toda forma de se vestir que não faz parte das formas descritas acima. Alguém *casual*, um estilo *hippie chique* ou a forma que os *boys* e as *patys* se vestem por exemplo, não se encaixam nos tipos ideais. O tipo ideal é o *alternativo*, independentemente; se é um *alternativo underground* ou se é um *alternativo moderno*, dentro do mundo da moda, o que importa é autenticidade, se diferenciar dos demais, sair do óbvio e dos padrões tradicionais adotado pela grande massa.

Deste modo esses sujeitos que frequentam as festas *alternativas* não são fixos e não possuem uma única identidade mas estão em constante transformação, se aproximando e se distanciando uns dos outros, formando e transformando este espaço de sociabilidade.

A identidade destes sujeitos está muito marcada pela forma de se vestir, ou seja, pelo *visual*. Este *visual* permite identificar os sujeitos como pertencentes de determinado grupo. Não só o *visual*, mas o estilo de vida que está diretamente relacionado com este, sendo que o *visual* é uma forma muito forte de expressão destes jovens.

No próximo capítulo falarei das práticas afetivo sexuais destes sujeitos e sua relação com as demais identidades dos mesmos.

CAPÍTULO IV

Práticas afetivo sexuais no contexto das festas *alternativas*

Neste capítulo farei a descrição e análise das práticas afetivo sexuais que ocorrem entre os jovens no *círculo* das festas *alternativas*. Assim como a análise das entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo.

4.1 Descrevendo as práticas afetivo sexuais

Após descrever o *círculo* das festas *alternativas*, os sujeitos e seus estilos de vida, irei falar das práticas afetivo sexuais desse grupo, que ocorrem no contexto das festas.

Primeiramente o que me chamou atenção e despertou o interesse em pesquisar a sociabilidade jovens no contexto das festas *alternativas*, foi exatamente o fato das práticas afetivo sexuais não se enquadrarem no perfil heterossexual e monogâmico, nem estarem ligadas a um universo gay, ou seja, no contexto dessas festas, as práticas que observei não definiam um meio de sociabilidade exclusivamente heterossexual nem homossexual.

A dissertação de Carlos Eduardo Hening (2008), sobre os espaços de sociabilidade gay em Florianópolis, aponta para uma *cena* gay onde os frequentadores, em sua quase totalidade, são homossexuais; a partir daí descreve os estilos de vida e as diversas categorias que diferenciam os homossexuais entre si.

O *círculo* de festas que estudo não faz parte desse *círculo* gay, já que a maior parte de seus frequentadores são jovens universitários que não tem como constituinte de sua identidade as práticas afetivo sexuais que caracterizam um universo gay. Os sujeitos que frequentam essas festas tem diferentes orientações sexuais, alguns são hétero, outros são homo e outros bi ou preferem não se rotular. Assim como as práticas afetivo sexuais que ali ocorrem também são diversas, algumas práticas são heterossexuais, outras homossexuais, bissexuais; as práticas não

precisam, necessariamente condizer com a auto identificação de cada sujeito.

Durante esses vários anos em que faço parte deste *círculo alternativo* de festas, presenciei diversos acontecimentos e principalmente conversas informais com meus colegas, que foram construindo meu imaginário sobre este *círculo* e serviram para minhas reflexões e análises das práticas afetivo sexuais desses jovens, ao longo deste trabalho.

Uma das principais representações que meus informantes tem destas festas, está relacionada ao uso de drogas e álcool neste *círculo*, como centrais em suas experiências.

Um discurso bastante comum diz que as festas “só têm graça” quando as pessoas estão bêbadas. Ir para uma festa e não beber é incomum. Uma frase que é falada brincando, mas que diz muito sobre essas relações é: “As melhores festas que eu já fui são aquelas que não me lembro de nada”. Essa frase representa o espírito das festas consideradas boas, ou seja, com consumo elevado de álcool e drogas. Quer dizer, quanto mais fora da consciência dita normal, do dia-a-dia, da sobriedade, melhor a festa, mais divertida ela se torna. E foi, nessas festas onde todos estavam alterados pelo uso do álcool ou de outras substâncias, que percebi a ocorrência do comportamento tão valorizado no grupo, o de *libertinagem*: é quando “rola a ‘pegação’”, onde “todo mundo beija todo mundo”, “amigos com amigos”, “gays com heteros” e beijos “a três ou mais pessoas”. Em diversas festas presenciei esse tipo de comportamento. Por exemplo, um garoto que beijou, na mesma noite, três garotos diferentes mais duas garotas e deu um beijo a três, sendo ele com uma garota e um garoto. Esse é um tipo de comportamento comum, não a todos e nem a todo o momento, mas em uma determinada noite isso acontece com diversas pessoas. Recordo de uma certa noite: uma garota que estava muito alcoolizada, ela não falava, só dançava com um ar avoado, meio desligada do mundo, talvez tivesse feito uso de outras substâncias além do álcool, mas não tenho conhecimento – a vi beijando umas dez pessoas para mais, de ambos os sexos; até na hora de ir embora, na fila para pagar, ela beijou mais umas três pessoas. Na realidade ela era beijada, pois as pessoas a beijavam e iam passando para uma segunda que beijava e a passava a

uma terceira, ela não reagia quase a nada, circulava entre as pessoas como se não soubesse o que estava acontecendo. Às vezes andava pela pista e então começava a dançar com alguém e beijava a pessoa. Claro que uma pessoa não poderia beijar quem quisesse se não houvesse um consentimento da pessoa beijada; assim, se percebe que muitas das pessoas ali estão abertas a essas práticas. Quando beijam vários “desconhecidos”, podem estar mostrando que o foco não está em quem se beija, mas no comportamento, e também que essas pessoas só são desconhecidas no sentido de não conhecer intimamente cada indivíduo que está presente naquele espaço, mas de pensar que todos que estão ali compartilham dos mesmos estilos de vida, e estão abertos às mesmas experiências; então, logo se tornam conhecidos, próximos e não mais meros estranhos.

A cena da garota alcoolizada que beijou várias pessoas na mesma noite obviamente chamou atenção de muitos, mas que naquele espaço não era nada agressivo ou que atribuísse má fama à reputação da garota, como provavelmente poderia acontecer em outros espaços mais conservadores e puritanos. É comum um sujeito beijar mais de uma pessoa na mesma noite, o que não é exclusivo desse *circuito*, mas sim a forma como isso ocorre. Através de relatos de colegas e observação percebi que pode ser comum uma pessoa ir a uma determinada festa, por exemplo uma festa universitária, e beijar mais de uma pessoa na mesma noite, desde que poucas pessoas vejam, e os sujeitos beijados não saibam um do outro. Porém nas festas do *circuito alternativo* beijar mais de uma pessoa na mesma noite é algo perfeitamente natural e feito diante de todos. Muitas vezes, além de um sujeito A beijar um B e depois um C, esses três sujeitos se beijam ao mesmo tempo e beijam mais outros, o que torna essa prática específica desse contexto.

A fala de uma informante demonstra este tipo de prática:

“Já fiquei com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, a gente tentou em oito mas não deu, em cinco também, quatro, mas três é o ideal”.

Além de um sujeito beijar vários outros na mesma noite, essas práticas podem ser homoeróticas. Um informante me disse ter ficado com cinco pessoas na mesma noite e essas cinco pessoas beijaram-se entre si. Esse pequeno grupo era formado por dois garotos heterossexuais, um garoto gay e duas garotas, uma se dizendo

heterossexual e a outra bissexual. Este é apenas um exemplo dos tantos que ocorrem nestas festas, mas exemplifica muito bem o tipo de práticas que ali ocorrem.

Acredito que essas práticas, na maior parte das vezes, não são apenas reflexo do uso exacerbado de álcool. A *Devassa*, por exemplo, é uma festa em que essas práticas são esperadas e valorizadas. Não só a *Devassa*, mas a utilização como exemplo pois sobre ela pairou durante muito tempo está imagem de *liberlinagem* e diversão.

Assim, as pessoas que conhecem a festa e a frequentam, sabem o que rola lá e vão com o espírito de *liberlinagem*, de curtição, de extravasar o cotidiano. Talvez o uso de álcool em maiores quantidades facilite esse tipo de prática ou até mesmo intensifique as mesmas. Mas, quando uma garota que se considera heterossexual e tem relações afetivo sexuais com garotos, vai a uma festa dessas e fica com outras meninas, ela não faz porque esteja inconsciente; talvez o álcool ajude na desinibição, e então ela se permite experimentar certas práticas não comuns no seu dia-a-dia, mas a intenção ou o conhecimento de que isso possa acontecer é algo anterior a essa experiência.

Contaram-me um episódio onde ocorreu uma troca de beijos e “pegação” entre cinco pessoas, onde uma delas não estava bêbada, mas entrou na brincadeira justamente porque estava achando a festa sem graça e queria ver se se divertiria um pouco. Um segurança pediu para um casal desse grupo que “pegasse mais leve”, ou seja, que desse uma “parada na “pegação” pois estava ultrapassando os limites aceitáveis. É importante ressaltar que esta festa estava um pouco vazia, então tudo o que todos faziam era visto.

Quais são os limites entre o que pode e o que não pode ser feito no ambiente das festas? Durante quase seis anos em que frequentei esses espaços do *circuito alternativo*, me lembro de várias cenas. A primeira foi em uma *Devassa* no ano de 2006, no *Late Casa Blanca* onde um rapaz fez, publicamente, sexo oral em outro, “para quem quisesse ver”. Em algumas festas, entre o final de 2008 e início de 2009, vi alguns homens tirando a roupa, mais para o final da festa, ficando só de cueca na pista. As cenas típicas e comuns de toda festa eram os beijos a três ou

mais pessoas e danças mais sensuais, “pegação” no meio da pista e práticas homossexuais e bissexuais.¹⁵

Interpreto este tipo de prática como *libertinas*, no sentido que Bozon coloca, de uma prática que significa uma ruptura nas representações e nos códigos da sexualidade (Bozon 2004), ou pelo menos, das práticas socialmente aceitas e que “...apresenta uma diversidade de formas amorosas, sem necessariamente opor uma às outras”. (Bozon 2004:121). O autor mostra que durante os séculos XVII e XVIII o termo *libertinagem* tinha um sentido duplo, pois evocava um livre pensamento e a busca pelo prazer erótico. Em sua origem, a *libertinagem* representava uma reivindicação do pensar por si mesmo, sem o intermédio da religião, que na época representava forte orientação nos modos de ver e vivenciar a vida dos indivíduos. De certo modo, o “pensar por si mesmo”, no contexto que analiso, tem muito a ver com o estilo de vida *alternativo*, que questiona os modelos socialmente estabelecidos, querendo se contrapor a tudo o que vem “de cima”, em uma ordem hierárquica. Os comentário de duas informantes sobre as práticas que ocorrem nas festas, especificamente em relação ao beijo entre mais de duas pessoas e com diversas em uma mesma noite, dizem sobre essa mentalidade diferente que caracteriza os sujeitos que frequentam esse *circuito*:

“Acho que vai muito da mentalidade das pessoas que vão às festas, não necessariamente que tenham uma mente aberta, mas é um povo mais liberal, sei lá, não gosto desse tipo de palavra, mas nesse sentido, não tem barreiras.”

“Acho que é uma mera curiosidade momentânea, um desejo, e se é desejo de todos não tem porque não fazer, tem gente que tem vontade mas tem vergonha”.

Cerca de um mês atrás presenciei uma conversa de colegas sobre as festas e as coisas bizarras que eles já haviam presenciado e feito. Eles falaram que as pessoas vão às festas “por causa da putaria” e que vários deles já haviam feito sexo nas festas. Por sexo eles estavam se referindo à penetração genital, geralmente em um canto escondido ou até no meio

das pessoas, mas de uma forma que ninguém percebesse. Um exemplo citado foi de um colega que fez sexo encostado em uma parede com a namorada, sendo que a garota estava de vestido e isso facilitou a penetração. Como o ambiente é escuro e a maior parte das pessoas está bêbada e dançando, beijando ou participando de “pegações”, é difícil que alguém perceba um casal fazendo sexo em um canto escuro e isolado. Outro colega relatou que já deu umas “dedilhadas” em algumas garotas nessas festas; “dedilhada” seria, segundo ele, tocar o órgão genital da garota por dentro da roupa, penetrá-la com o dedo e até masturbá-la no meio da festa, sempre de modo discreto evitando ser visto. O que acontece é que, por algumas pessoas beberem em “níveis altos”, às vezes “perdem a noção” e acabam se expondo a situações mais ousadas; isso parece ser também um dos objetivos do uso exacerbado de álcool e drogas pelo grupo.

O que observei é que, em algumas festas, isso não ocorre com tanta intensidade; assim, tentei observar em quais festas essas práticas eram mais recorrentes, para identificar as possíveis causas. O que poderia me arriscar a dizer é que nas festas maiores, onde as pessoas ficam mais alcoolizadas e alteradas, essas práticas são mais intensas que nas festas onde as pessoas não estão tão alteradas. Então o álcool e as drogas funcionam como potencializadores desses comportamentos. Quando meu informante fala que as pessoas vão às festas “por causa da putaria” e que a “música é apenas a desculpa”, fica clara a mudança que esse *circuitito* sofreu com relação a importância da música desde sua origem até hoje, e de como as festas como a *Devassa* influenciaram na *cena*. Quando alguns desses sujeitos, que hoje são produtores de algumas festas, começaram a tocar e fazer festas em casa, o objetivo era a diversão, mas tinha como foco a música, esses comportamentos - como o uso de drogas e as “putarias” - já faziam parte das práticas do grupo. Quando essas festas começaram a dar lucro e viraram um negócio, a música deixou de ser o foco de atenção e passou a ser só mais um aspecto de interesse desse grupo. Ao que parece, com o passar dos anos, o que se manteve foram as práticas afetivo sexuais e o caráter transgressor dos comportamentos valorizados pelo grupo. Então, a música deixou de ser o aspecto principal e acompanhou as transformações e as demandas para atrair o público que se tornou mais

15 Caracterizo como práticas bissexuais, aquelas que englobam relações de um sujeito com outros de ambos os sexos.

diversificado que aquele do início. É bastante recorrente, na fala dos informantes mais antigos do *circuito*, uma queixa sobre a música que hoje é tocada nas festas, sempre se remetendo aquela época em que a música tinha atenção especial. Nas análises das entrevistas todos eles falam da importância que a música teve na inserção destes no *circuito*, sendo que nas festas tocava as músicas que eles ouviam em casa e que não tocava em nenhum outro lugar. A fala do meu informante, sobre o interesse na "putaria" das festas, mostra que hoje a música já não importa mais, já que não é "boa"; o que atrai boa parte do público antigo é a liberdade, a possibilidade de ter diversas experiências naqueles espaços de sociabilidade, que são restritos àquele *circuito*. Atualmente estes informantes quase não frequentam o *circuito*, dando preferência por festas em casa ou bares. Porém quando querem ir há alguma festa maior, acabam indo nas festas do *circuito*.

Assim, este *circuito* é no mínimo interessante, por tornar visível um número diversificado de práticas e sujeitos que não se encontra em outros espaços de sociabilidade. Talvez esta seja uma característica das sociedades complexas contemporâneas, que englobam e permitem cada vez mais a diversidade em um mesmo núcleo. Dessa maneira, qualquer definição que se dê a esse *circuito*, não pode ser fixa e definitiva, estando em constante transformação.

Abordarei no próximo item como estes jovens, quando entrevistados por mim, interpretam suas práticas afetivas no interior deste *circuito* de festas *alternativas* e a forma como estas práticas são vividas na cotidianidade de suas relações afetivas

Tabela 2. Dados gerais entrevistados

Sexo	Idade	Autodefinição-orientação sexual	Curso ou profissão	Cidade origem	Profissão pais	Com quem mora
Feminino	17	Não se rotula	Terceiro ano ensino médio	Florianópolis-SC	Mãe: gerente administrativa	Tia
Feminino	19	Não se rotula	Psicologia – UFSC	São Sebastião-SP	Mãe: func. pública aposentada Pai: militar, falecido	mãe
Masculino	24	Não se rotula	Vendedor	Lages-SC	Aposentados	Amigos
Masculino	21	Heterossexual	Economia UFSC	Joinville-SC	Ambos dentistas	Amigos
Masculino	22	Heterossexual	Eng.civil-UFSC	Joinville-SC	Dentista Bióloga	Amigos
Masculino	24	Gay	Direito Unisul	Florianópolis-SC	Mãe: Empregada doméstica	Mãe e irmãos

4.2 Analisando as entrevistas sobre práticas afetivo sexuais

Ao longo do trabalho de campo, realizei também, entrevistas com os participantes do *circuito*: garotos que se definem como *heterossexuais* e que tiveram alguma experiência homoerótica, garotos que se identificam como *gays* mas que não gostam de rótulos identitários e garotas que também não gostam de se rotular, embora, caso necessário, se digam *bissexuais*. Não tive a oportunidade de entrevistar nenhuma informante mulher que se autodeclarava como *lésbica* nem *heterossexual*. Observei portanto que a autodefinição de *bissexual*, objeto inicial de meu projeto, era usada apenas por mulheres e que os ora se definiam como *heterossexuais*, ora com *gays*.

As entrevistas, que seguiram uma estrutura para orientar as questões, realizaram-se de forma aberta, apropriando-se das falas dos sujeitos para fazer novos questionamentos e deixando-os à vontade para falar do que e quanto quisessem, dentro do foco da pergunta. Assim o roteiro de entrevista seguiu a seguinte ordem:

A. Sobre as relações afetivo sexuais

1. Conte como foi o início de sua vida afetivo sexual (primeiro beijo, primeira transa), aquilo que você considera como o início.
2. Quantas relações você teve, que considere mais duradouras? Conte um pouco sobre elas.
3. Já teve envolvimento afetivo ou sexual com pessoas do mesmo sexo? Conte sobre essa experiência, com detalhes se possível.
4. Já ficou ou transou com mais de uma pessoa ao mesmo tempo? Em que circunstância? Como se sentiu? Conte sobre essa experiência.
5. Você faz diferença entre as suas experiências hétero e homossexuais? O que difere uma da outra?
6. Quais práticas são permitidas para cada uma delas? Pode usar exemplos e detalhar as práticas.

B. Identidade de gênero e orientação sexual

1. Você se considera homem, mulher ou transexual?
2. O que é ser homem ou mulher para você?
3. Qual a relação desta identidade com as suas práticas afetivo sexuais? Você se considera heterossexual bissexual ou homossexual?

Com relação à primeira questão sobre as práticas afetivo sexuais, identifiquei, na fala dos garotos, a categoria “histórias de referência”, quando os sujeitos descreviam suas experiências afetivo sexuais, sempre partindo de um período determinado, como primeiro ano do colégio, início da faculdade, carnaval do ano tal e, a partir daí, davam um significado àquelas relações, que se comparadas entre si, muito se assemelham. Os garotos destacam como primeira experiência afetivo sexual a primeira transa; as meninas partem do primeiro beijo e como referência, tem a idade e com quem foi, homem ou mulher. Tanto para os garotos, como para as garotas, a primeira relação sexual se deu entre os 14 e 17 anos, sendo que a diferença de idade entre os pares era pequena, sendo os meninos mais velhos que as garotas para todos, exceto para o garoto gay, onde a diferença de idade entre ele e seu parceiro, no primeiro ato sexual, era de dez anos, sendo o seu parceiro mais velho.

Segundo Bozon (2004), existe nas sociedades contemporâneas uma forte tendência de ocorrer uma aproximação das trajetórias e atitudes sexuais de homens e mulheres, que pode ser observada na aproximação das idades que se da o primeiro ato sexual, para homens e mulheres. Também nos remetemos ao mesmo autor quando aponta para a temporalidade, relacionada aos períodos escolares e de férias, das relações afetivas entre os jovens estudados.

Com exceção do garoto gay, para todos os demais informantes a primeira relação sexual foi heterossexual. Sobre a primeira relação sexual, os dois garotos relatam uma história com desenrolar semelhante, onde tanto o garoto como a garota eram virgens, e antes da penetração em si, ocorreram várias etapas, como conversas sobre a primeira relação sexual, beijos mais intensos, carícias nos órgãos genitais, sexo oral e

enfim a penetração genital, depois de um determinado período que varia de semanas a meses conforme o sujeito.

Bozon fala dessas etapas de preparação para o primeiro ato sexual, como um modelo de exploração física e relacional por etapas e diz que essa passagem gradual para a sexualidade genital é uma característica contemporânea. (BOZON, 2004). Identifiquei esse modelo não só na narrativa dos garotos, mas nas de todos os informantes. Os garotos demonstram dar maior importância do que as garotas, à primeira transa; não ao ato em si, mas ao que ele representa para a imagem de homem, reafirmação da masculinidade, lembrando de detalhes e do que sentiram. Já as garotas não se prolongaram em suas falas, apenas uma delas valoriza o ato em seu discurso, a outra relata como algo sem grande importância, o que me chamou atenção foi a relação que ela fez do orgasmo como critério de satisfação sexual. Ela julga seu primeiro ato sexual como algo que não foi “bom”, pois não “gozou”. Desta forma o orgasmo está automaticamente relacionado ao prazer sexual. Um detalhe importante sobre a primeira relação sexual, é que quase todos os meus informantes relatam terem ingerido bebidas alcoólicas na ocasião da primeira transa. Este fato me faz pensar novamente no álcool como fator que permite a experimentação de algo desconhecido no campo sexual, que se repete nas festas do *circuito* observado. Já em relação ao envolvimento com pessoas do mesmo sexo, as garotas demonstraram maior cuidado e atenção ao relatar suas experiências e iniciam suas falas sobre as experiências afetivo sexuais relatando seu envolvimento com pessoas do mesmo sexo, mesmo quando, pela ordem cronológica, a primeira experiência tenha sido com um homem.

Referente ao papel de gênero desempenhado pelos meus informantes, em suas primeiras relações sexuais, os garotos - exceto o jovem gay - dão forte ênfase à sua posição ativa na relação, aparecendo como o dominador da situação, colocando a mulher na situação de passiva e que se deixa levar, como sugere a fala de um informante do sexo masculino:

“Eu estava sendo o ativo, não sei porque, porque são assim que as coisas são, é o que se espera do homem nessas situações, que tome a dianteira e seja ativo”. Esta fala nos remete a análise de Miriam Grossi (2004), de

que uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo”. No senso comum referente a gênero, ser ativo quer dizer ser ativo sexualmente, ou seja, o homem deve penetrar a mulher. É neste sentido que interpreto o discurso de meu informante, como uma apropriação desse papel masculino atribuído socialmente aos homens.

Já as garotas não exaltam essa postura, tratando do fato como algo neutro, com maior igualdade entre os pares. Quando falam das experiências homoeróticas, os garotos, exceto o garoto gay, tratam como algo sem muito significado, que ocorreu para ambos no contexto das festas. Não falam sobre essa experiência de forma espontânea; só davam mais detalhes quando eu os inquiria. Um dos garotos diz que foi uma experiência constrangedora, que o deixou um pouco confuso, não com relação à sua orientação sexual, mas por estar fazendo algo que durante muito tempo era impensável, o primeiro beijo com uma pessoa do mesmo sexo foi um quebra de paradigma, segundo suas próprias palavras. Já o outro garoto diz que essa experiência, de beijar uma pessoa do mesmo sexo, nunca significou uma crise existencial e nem o fez mudar de orientação sexual, encarou como algo comum nas festas, que pode ocorrer com qualquer um, pois o meio predispõe a esse fato, mas seu limite é o beijo, pois sexo com um garoto está fora das suas possibilidades. Os dois garotos que se definem como heterossexuais, mesmo quando falavam das experiências homoafetivas, ressaltavam a sua masculinidade e a preferência por mulheres, durante suas falas buscavam sempre a reafirmação da masculinidade, dando a entender que o fato de terem beijado outro homem não os faz “menos homens”.

Tratam as práticas homo afetivas como algo casual, não planejado, limitado ao contexto das festas por ser algo “normal” naquele ambiente. Importante ressaltar o aspecto do não planejado, como se o fato de pensar em uma prática homoerótica a priori os colocassem na posição de menos masculinos. Percebo que a questão está em volta não do ato em si, do beijo homossexual, mas sim, na intenção, na interação com o parceiro e na repercussão deste ato. Se for uma prática que ocorre espontaneamente no contexto de uma festa do circuito, em meio a “putaria” e ao clima de “pegação”, que se trata de um episódio breve, um beijo sem muita intensidade, desde que não seja uma prática frequente

não coloca a masculinidade desses garotos em risco, não os caracteriza como gays. Porém se se torna algo frequente e com maior envolvimento e intensidade já configura outro tipo de prática, não desejada por esse garotos, pois os coloca em outra posição, que não é a mesma ocupada por homens heterossexuais.

As garotas, por terem tido uma trajetória afetivo sexual diferente da dos garotos heterossexuais, falam de suas relações afetivo sexuais de forma diferente. A fala das garotas trata das experiências homoafetivas como algo importante em suas trajetórias, valorizadas e, às vezes, mais significativas em termos afetivos que as experiências com garotos. Essas experiências homoeróticas não as colocam em um lugar menos feminino, ao contrário, minhas informantes relataram que se sentem mais femininas, “menos invadidas”, em relações com meninas e que as relações afetivo sexuais entre meninas são mais igualitárias e sensuais.

Ao descrever suas experiências homoeróticas, as garotas deram mais atenção a elas, relatando com mais detalhes e sentimentos suas vivências. Essas experiências das minhas informantes não se restringem ao contexto das festas, pois elas tiveram relacionamentos afetivo e sexuais com meninas, que foram além de beijos nas festas. Elas já namoraram tanto com homens quanto com mulheres e tiveram relações sexuais com ambos. O garoto gay também fala das suas experiências hétero e homoafetivas como algo significativo, apesar das diferenças entre elas. Seu envolvimento com homens e mulheres foi tanto afetivo quanto sexual, podendo dizer que foi mais afetivo do que sexual com mulheres. Ele diz não sentir atração, desejo sexual por mulheres, apesar de ter tido relações sexuais com elas. Na fala do garoto gay, ele se coloca, muitas vezes, em uma posição mais feminina, referente aos papéis de gênero atribuídos, socialmente, a homens e mulheres. É interessante observar que tanto minhas informantes mulheres quando o garoto que é gay falam de suas experiências afetivo sexuais naturalmente, sem demonstrar constrangimentos.

Com relação à diferença que fazem entre as experiências hétero e homoafetivas, os garotos heterossexuais ressaltam que “não têm base” para falar das experiências homoeróticas, pois essas foram poucas e sem envolvimento afetivo. Afirmam sua preferência por mulheres apesar de não terem problemas em beijar um homem, no contexto das festas. A

homossexualidade deles se restringe a um espaço onde é permitido esse tipo de prática, sem que isso interfira na imagem que as outras pessoas têm deles. Se envolver com uma pessoa do mesmo sexo, fora desse contexto, colocaria em risco sua masculinidade. O fato de vários colegas também terem ficado com pessoas do mesmo sexo no contexto das festas, legítima essa prática como não perigosa para sua identidade heterossexual.

Tanto as garotas como um dos garotos gays entrevistados, dizem não fazer diferença entre suas experiências hétero e homoafetivas, porém uma das garotas diz que tem preferência por mulheres por não se “sentir um objeto” nessas relações. Para ela, esta preferência está ligada aos papéis sexuais socialmente atribuídos - e então desempenhados - por homens e mulheres. O garoto gay esclarece a diferença entre homens e mulheres no desejo sexual que tem por ambos; não sente atração sexual por mulheres, mas isso não faz com que ele as coloque em um nível hierarquicamente inferior.

O que essas garotas e o garoto gay colocam é que “se apaixonam por pessoas e não por gêneros”, sendo assim as diferenças que possam existir em um relacionamento diz respeito ao indivíduo como pessoa. Assim como existe diferença entre duas mulheres pode haver diferença entre um homem e uma mulher.

Ao meu ver esses informantes fazem diferença sim entre suas experiências com homens e mulheres, mas a diferença não está no sexo do parceiro mas sim no tipo de relação estabelecida. Acredito que a negação da diferença em seus discursos, se remete a imagem que fazem de si, uma imagem liberal, que não classifica as pessoas quanto ao gênero e sim “pelo que elas são como seres humanos”. Porém não acredito que ao diferenciar suas relações estejam sendo contraditórios. Pelo fato do gênero se tratar de uma construção social que interfere diretamente na vida dos sujeitos, não tem como evitar seus reflexos nas relações afetivo sexuais. Porém o que acredito é que o gênero não é algo dado mais sim relacional, talvez nesta perspectiva se encaixe o discurso da não diferenciação das relações hétero e homoeróticas, sendo que os papéis de gênero se dão a medida que a relação é construída e estão em constante negociação entre os pares.

Uma postura comum a todos os meus informantes, diz respeito a se permitir testar “novas experiências”, a não se limitar ao que é esperado de seu papel de gênero. Mais importante do que ter experiências homoafetivas é “não se fechar para essa possibilidade”, aceitá-la como uma possibilidade de relacionamento entre tantas outras.

Em suma, quando indagados sobre a relação entre suas práticas afetivo sexuais e sua identidade, todos os informantes ressaltaram que suas práticas afetivo sexuais não determinam suas identidades sexuais. O que define a identidade ou orientação sexual desses sujeitos é o desejo, os sentimentos, como eles se sentem, e não suas práticas afetivo sexuais. Assim, os garotos se definem como *heterossexuais* mesmo tendo tido experiências homoeróticas. As garotas que tiveram tanto experiências hétero como homossexuais preferem não se rotular, mas se fosse necessário, se diriam *bissexuais*. Acredito que caiba aqui uma reflexão que Bauman (2005) faz, que diz, que em nossa sociedade moderna, em que os indivíduos flutuam e são desimpedidos, “estar fixo” e ser identificado de modo inflexível é algo cada vez mais mal visto. (BAUMAN, 2005)

Um garoto gay disse que não vê necessidade e que “não faz sentido se rotular”, por isso não respondeu a esta questão. Identifica-se como gay porque seu estilo de vida é gay e porque tem desejo e práticas com homens, mas não se define como homossexual, pois também tem práticas afetivo sexuais com mulheres, apesar de não haver desejo sexual até o momento da entrevista. Ele não nega, porém, a possibilidade de isso ocorrer em um futuro próximo.

Lembrando que a sexualidade humana é construída socialmente, Foucault fala que a sexualidade pode e deve ser uma escolha, pois não é algo dado a priori, um segredo que precisa ser descoberto pelos indivíduos em algum momento de suas vidas. Segundo as palavras de Foucault

“É importante, de início, para um indivíduo ter a possibilidade - e o direito - de escolher a sua sexualidade. Os direitos do indivíduo no que diz respeito à sexualidade são importantes, e mais ainda os lugares onde não são respeitados.” (FOUCAULT, 2004:13)

Para Foucault, os problemas referentes à aceitação da homossexualidade ainda não estão resolvidos, e sugere que só a partir da criação de um estilo de vida homossexual isso possa se resolver. A citação abaixo, retirada de uma entrevista dada a uma revista gay demonstra esse ponto de vista.

“...O que eu gostaria de dizer é que, em minha opinião, o movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.[...] Nós não devemos descobrir que somos homossexuais, nós devemos antes, criar um modo de vida gay.[...] Eu acredito que um dos fatores de estabilização será a criação de novas formas de vida, de relações, de amizades nas sociedades, a arte, a cultura de novas formas que se instaurassem por meio de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa.” (FOUCAULT, 2004:12-13).

Acredito que meu informante, ao não definir uma identidade sexual baseada nas práticas homoeróticas mas se afirmar como gay, está representando aquilo de que fala Foucault, sobre criar uma forma de vida gay, que dá visibilidade a esta opção e a coloca como algo “normal” e possível entre as tantas outras formas de expressar sua individualidade.

Concluindo, o que percebo nos relatos de meus informantes é que, ao quebrar os paradigmas sobre a sexualidade, ao ver nas práticas

homoeróticas uma opção como qualquer outra, cria-se uma nova visão de mundo, onde as práticas homoeróticas se configuram como mais uma forma de expressão da sexualidade, entre várias outras. As práticas homoeróticas não se configuram no imaginário desses sujeitos como “doença”, “desvio de personalidade” ou até mesmo como algo essencializado, no sentido de que o indivíduo nasce com uma sexualidade determinada e programada e irá desenvolvê-la durante sua vida. Acredito que a partir do momento em que existem sujeitos com essa visão sobre a sexualidade e suas formas de expressão, e essa visão sem preconceitos é visível por outros espaços da sociedade e circula, começa a “influenciar” as próximas gerações. Esse movimento vai em direção a uma desvinculação da orientação sexual com a identidade dos sujeitos, onde os indivíduos não são mais identificados e rotulados como heterossexuais ou homossexuais e sim por outros elementos da vida em sociedade.

Dessa maneira, é retirado da sexualidade o caráter de “definidor da identidade” desses sujeitos, sendo essas identidades construídas ao longo de suas trajetórias de vida, se adaptando e transformando conforme apareça a necessidade de mudança. É um conjunto de fatores internos e externos ao indivíduo que toma forma e sentido, conforme o contexto em que se encontra. Sendo assim, a sexualidade é apenas um campo da vida humana, que para esses jovens se configura como um campo de possibilidades e experimentação e não como um elemento que define suas identidades e limita suas práticas afetivo sexuais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após concluir meu trabalho de campo, iniciei a análise do material e a escrita deste TCC. Neste processo de construção do trabalho acadêmico, afastei-me tanto de sua escrita quanto do *circuito*, por um tempo relativamente longo, de quase uma ano. O texto aqui apresentado é portanto fruto de uma longa reflexão, que necessitou deste distanciamento, tanto temporal quanto espacial.

O contato mais profundo com o grupo que pesquisei, formado por sujeitos tão diferentes entre si e com trajetórias distintas (mas que estão se aproximando e se distanciando a todo tempo) me deixava muito confusa, sem saber por onde ir na escrita. A medida em que tentava compreender melhor essas práticas de lazer e afetivas, me via cada vez mais perdida e até distante do grupo, questionando minha própria identidade de ex-participante dele.

Assim como o/a pesquisador/a interfere no campo, a prática antropológica e o campo causam alguns efeitos naquele que pesquisa; é o encontro com o exótico que faz o/a pesquisado/a questionar suas próprias práticas. No meu caso, eu era parte daquele grupo mas quando comecei a vê-lo com um olhar antropológico, fiz o movimento de estranhar o que até então era familiar e, assim, estranhar a minha própria identidade. Ficou difícil “encontrar o outro” se não conseguia “encontrar a mim mesma”, lembrando o que Miriam Grossi retoma da reflexão de muitos antropólogos sobre a relação entre pesquisador/objeto que “...só se encontra o outro encontrando a si mesmo.” (GROSSI, 1992:16).

Ao escrever o TCC, ficou complicado pensar sobre o “outro”, identificar categorias que os definissem. Pois os limites que distinguem uma categoria identitária de outra são muito tênues no interior do grupo, que por estar imerso na sociedade contemporânea tem a característica de que as identidades dos sujeitos não são fixas nem estáveis e estão em constante transformação e comunicação. (HALL, 2002).

Passsei um longo tempo da escrita deste TCC neste impasse subjetivo que me impedia de avançar na análise dos dados recolhidos... Quando retomei a redação, em 2010, me deparei com outra situação – transformações ocorridas no *circuito* das festas *alternativas* – que interferiu diretamente nas reflexões sobre meu objeto e nos rumos desta

pesquisa. Além da minha dificuldade de trabalhar com um grupo específico mas tão diferente entre si, eu tive que lidar com transformações que alteraram a compreensão sobre o *circuito* de forma geral. Constatei que estas transformações que ocorreram no último ano resultaram também no afastamento dos meus informantes desses espaços de sociabilidade. Talvez, se eu não tivesse me afastado por um longo período, essas transformações, não teriam tido tanto impacto em meu trabalho, pois elas ocorreram gradativamente até atingirem as proporções atuais. O fato é que as transformações estão ocorrendo continuamente e este afastamento me proporcionou uma outra visão sobre meu objeto. Assim essas mudanças se constituem como um dado importante para compreensão do *circuito*, das *ceras* e dos sujeitos que se apropriam desses espaços, mas não me aprofundi neste aspecto pelo fato de ter retomado a escrita do TCC, apenas dois meses antes de sua defesa. Assim, muitos dos aspectos que eu julgo importantes para análise do *circuito alternativo* não foram aprofundados aqui, devido ao tempo que tinha para a defesa deste trabalho.

O eixo central desta pesquisa girou em torno das identidades dos sujeitos, que não são constituídas pelas suas práticas afetivo sexuais, que parecem ser oriundas de uma visão de mundo com base no universo *alternativo*, que contrapõem, questiona a moral tradicional de nossa sociedade e as práticas sexuais atribuídas socialmente a cada gênero.

Compreendo que as práticas afetivo sexuais para estes sujeitos se caracterizam como um dos aspectos da construção da identidade e não como o elemento principal.

Stuart Hall (2002) ao falar da identidade na pós-modernidade nos mostra que as identidades dos sujeitos nas sociedades contemporâneas são fragmentadas e não fixas, ou seja, essas identidades estão em constante construção e transformação, não sendo mais definidas pelos mesmos elementos que caracterizavam a identidade cultural dos sujeitos na modernidade.

Assim sendo, esses jovens não apresentam uma identidade definida a priori, suas identidades estão em constante construção e transformação. Essas identidades são expressas em diversos campos da vida dos sujeitos e suas marcas são percebidas nos mais diversos aspectos como modos de se vestir, cortes de cabelo, interesse por

determinadas literaturas, arte e cinema. Esses sujeitos têm suas identidades muito mais afirmadas por um estilo de vida *alternativo*, do que em outros elementos como classe social, etnia ou orientação sexual. Este é um elemento que identifiquei, muito importante para a compreensão do grupo em questão. A identidade desses sujeitos está relacionada a um modo de vida *alternativo*, que se contrapõem as normas dominantes e aos modos de vida tradicionais de nossa sociedade.

Sendo assim o que define suas identidades é a pertença a um um meio universitário ligado as áreas das artes, literatura, cinema, que caracteriza um círculo intelectual -os gostos e interesses pelos mesmo temas, a proximidade das visões de mundo expressa nos projetos de vida que valoriza experiências diversas, as viagens pelo mundo, contato com culturas diferentes, a intenção em constituir família apenas após um longo período de experimentação das "coisas boas" que a juventude proporciona. O uso de álcool e drogas ilícitas com fins recreativos nos espaços de sociabilidade - que representa uma ruptura com a realidade dita "normal", uma fuga da vida cotidiana que se traduz em liberdade e tem caráter de transgressão na medida que não acata as proibições do Estado. O modo de se vestir - que se difere dos modos padronizados pela indústria da moda voltada a grande massa e a segmentos tradicionais- assim como os cortes de cabelo, uso de piercings e tatuagens - que são uma forma de diferenciação através da imagem carregada de signos e códigos reconhecidos entre seus usuários, que expressam uma relação com o mundo interno e externo desses sujeitos. O gosto por um determinado tipo de música, que nesse caso é o *rock*, *indie-rock*, *eletro-rock* e bandas caracterizadas como independentes que não são conhecidas do grande público. E nas práticas afetivo sexuais que se diferem da tradicional tanto por seu caráter *libertino* como pela ruptura com a "heteronormatividade". (BOZON, 2004)

Essas identidades se constroem no auto reconhecimento de pertencimento a um meio *alternativo*, baseado em suas condutas que não seguem os padrões esperados pela sociedade tradicional. Estão sempre se contrapondo ao modo de vida e as produções destinadas a massa, ao tradicional e comum, em todos os campos da vida desses jovens.

Michel Bozon (2004) nos mostra que a sexualidade por muito tempo esteve vinculada a uma ordem tradicional da vida humana

baseada na reprodução. A ruptura deste modelo e as diversas outras transformações sociais que ocorreram ao longo do tempo, como o advento dos métodos contraceptivos e as lutas dos movimentos feminista e homossexual nos colocam em um cenário atual onde outros modelos devem ser questionados e novos campos de expressão da sexualidade conquistados.

A sexualidade para esses jovens se apresenta como um campo cheio de possibilidades onde as condutas não necessitam seguir padrões pré determinados. As práticas afetivo sexuais não necessariamente correspondem as identidades sexuais socialmente atribuídas a cada gênero. E essas práticas como já foi dito não determinam a identidade dos sujeitos.

A identidade sexual quando é definida está relacionada ao desejo e outros elementos subjetivos e não as práticas dos sujeitos.

Percebi uma aproximação entre a iniciação sexual dos garotos e garotas entrevistados, sendo que a diferença mais significativa que identifiquei, está na importância que cada um deste jovens dão a sua primeira relação sexual, diferente do que encontrei em pesquisas¹⁶ com jovens de todo país, que mostram uma desigualdade de gênero entre garotos e garotas no que se refere a iniciação sexual destes.

As principais diferenças entre os jovens é em relação as suas trajetórias afetivo sexuais

Os garotos que se autodeclararam *heterossexuais*, têm práticas homoeróticas, mas elas estão restritas ao contexto das festas *alternativas*. Já as garotas tiveram várias experiências homoeróticas ao longo de suas trajetórias afetivo-sexuais, tendo nessas experiências um elemento importante de sua visão de mundo não rotulando-se em relação a identidade sexual como hetero ou homossexual, contrapondo-se assim ao sistema classificatório corrente com base na sexualidade.

A reafirmação da masculinidade pelos garotos que se definem como *heterossexuais* a partir de suas práticas homoeróticas se constitui em um interessante aspecto a ser investigado, com mais cuidado e profundidade, assim como outros aspectos da sociabilidade desses

16

As pesquisas a qual me refiro fazem parte dos livros "Juventude e sexualidade" e "O aprendizado da sexualidade", cujas referências encontra-se ao fim deste trabalho.

jovens, como o uso de álcool e drogas no contexto das festas -que pode estar vinculado com as práticas *libertinas* que ocorrem neste *circuito*- e as transformações que estão ocorrendo no *circuito* nos últimos tempos. Contudo não foi possível me deter em todos os aspectos que surgiram durante a elaboração do trabalho, mas vale ressaltar a significância que esses elementos tem para uma compreensão mais complexa do tema.

Acredito que as transformações ocorridas no *circuito* abrem a possibilidade de compreender a forma com que os sujeitos se relacionam com os espaços de sociabilidade.

Parto da diferenciação entre o conceito de *circuito* e *cena* desenvolvidos por Magnani (2007), para pensar essa interação e a relação com a identidade desses jovens *alternativos*. Segundo Magnani existe uma aproximação entre a noção de *circuito* e *cena*, pois ambos "...supõem um recorte que não se restringe a uma inserção espacial claramente localizada" (MAGNANI 2007: 251). O *circuito* não se limita por fronteiras físicas podendo incluir espaços de sociabilidade no meio virtual. No interior dos *circuitos* encontramos núcleos de sociabilidade onde se articulam valores, práticas etc. A noção de *cena* compartilha a característica de independência diante da contiguidade espacial, porém é mais ampla, pois é constituída por um conjunto de comportamentos, valores, ideologias. Enquanto o *circuito* diz respeito a rede, a *cena* tem como "referente os atores sociais, *suportes dos sinais de pertencimento e escolhas no próprio corpo, na roupa, no discurso*". (MAGNANI 2007:251). O *circuito* é identificado na paisagem, enquanto a *cena* se expressa nas atitudes.

Deste modo percebo que o *circuito* das festas que pesquisei, é frequentado por sujeitos pertencentes a diferentes atores sociais, pertencentes a diversas *cenar*. Porém, por muito tempo a maior parte dos sujeitos que ocupavam os espaços desse *circuito*, eram os sujeitos pertencentes a uma *cena alternativa*, a qual direcionei minha pesquisa. A medida que este *circuito* foi sendo apropriado por outros sujeitos - devido a sua abertura pelos motivos já comentados- oriundos de outras *cenar*, ele perdeu a principal característica que era a de ser um espaço quase que exclusivo desses jovens *alternativo*. Os sujeitos que frequentavam o *circuito*, que era oriundos de outras *cenar* eram uma

minoría, e o *círculo*, mantinha uma unidade que era definida principalmente pela música e pela predominância de sujeitos ligados ao meio intelectual que tinham como principal característica a oposição ao tradicional.

Atualmente estes jovens que se auto denominam *alternativos*, ainda frequentam o *círculo* das festas, mas em menor frequência e não correspondem mais ao público predominante desses espaços, exceto pelos *permanentes* que continuam a frequentar o *círculo* com frequência, devido a relação profissional¹⁷ que tem com este.

Percebo que o universo identificado como alternativo está em constante transformação, sempre em busca de novos elementos, espaços, sentidos que os difiram do tradicional. Pensando nessa lógica do alternativo, se antes o *círculo* das festas que pesquisei constituía o principal espaço de sociabilidade desses jovens, e deixou de ser, me pergunto se esses jovens vão trocar de *círculo* criando novos espaços para exercer sua sociabilidade apenas, ou mudarão também os modos pelo qual expressavam essa oposição ao mundo tradicional? A medida que os grupos tidos como tradicionais passam a ocupar os espaços restrito ao alternativo qual espaço o alternativo ocupa?

Para finalizar utilizo uma citação de Albert Einstein que representa este questionamento que faço ao finalizar a redação deste TCC e encerrar assim uma etapa de minha vida acadêmica, com o bacharelado em Ciências Sociais:

A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará a seu tamanho original" (A. Einstein)

¹⁷ A maior parte dos jovens *permanentes* são Djs e produtores das festas ou amigos muito próximos destes, por isso permanecem ligados ao *círculo*.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. Galeria Ouro fino: a mais descolada da cidade. *In: Magnani, J.G.(Org).* **Jovens na metrópole:** etnógrafias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. 1 ed. São Paulo. Editora Terceiro nome, 2007.
- ALMEIDA, M. Antropologia e sexualidade: consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica *.In: Lígia Fonseca, C. Soares e Júlio Machado Vaz,(Org).* **A sexualidade, perspectiva multidisciplinar. Coimbra: Quarteto II vol. 2003. pág 53-72**
- BAUMAN, Z, 1925. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 172 p.
- BRUM, D. **Os filhos da contra cultura.** Florianópolis: UFSC, 1999
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G.; SILVA, L.B. **Juventudes e sexualidade.** Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 428 p.
- DA MATTA, R. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter "Anthropological Blues". *In: NUNES, E. O. (Org.). A Aventura Sociológica:* objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FOUCAULT, M. **Por uma vida não fascista.** Coletivo Sabotagem, 2004.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GROSSI, M. P. Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo": repensando o trabalho de campo a partir da subjetividade do(a) antropólogo(a). *In:* GROSSI, M. P. (Org.). **Trabalho de Campo & Subjetividade.** Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1992.

_____. Masculinidades: uma revisão teórica. *In:* **Antropologia em primeira mão.** Florianópolis, p. 4-37, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade.** 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEILBORN, M. L. Et al. (Org.). **O aprendizado da sexualidade:** reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006

HENING, C. E. **As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC.** Florianópolis: UFSC, 2008.

MAGNANI, J. G e TORRES, L. (Org). **Na metrópole: textos de Antropologia urbana.** São Paulo: EDUSP, 1996.

MAGNANI, J. G. **Festa no Pedaco:** cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998

MELLO, L. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VELHO, G. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

_____. Observando o Familiar. *In:* NUNES, E. O. (Org.). **A Aventura Sociológica:**

objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

ALVES, M.B.M; ARRUDA, S.M. **Como fazer referências:** bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documento. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Biblioteca Universitária, c2001. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/framefer.php>>. Acesso em: 01 julho 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.